OESTE

BARRA PESADA

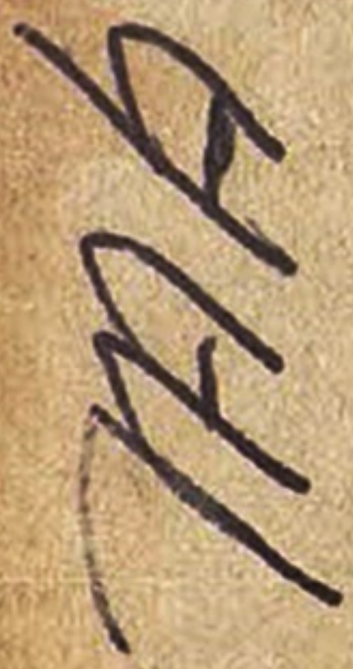
MORGAN FRANKS

A MÃO QUE AGARRA

CR$ 13,00

OESTE
BARRA PESADA

apresenta



Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não têm qualquer relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

Publicação no Brasil 1979

Copyright © Editorial Andina S. A.

Proibida a reprodução no todo ou em parte.

EDITORA MONTERREY LTDA.
Rua Visconde de Pirajá, 550 - Sala 1401
IPANEMA - Rio de Janeiro, RJ.
Fones: 227-2795 e 227-2602

GANHE UM LIVRO GRÁTIS

Se você pedir cinco livros da Editora Monterrey ganhará um livro grátis. Faça hoje mesmo o seu pedido pelo Reembolso Postal. É muito fácil. Escreva seu nome e endereço bem legíveis e assinale os livros da Monterrey que desejar (veja a página 4). Só atendemos pelo Reembolso Postal pedido mínimo de cinco (5) livros.

EDITORA MONTERREY LIMITADA.
Departamento de Reembolso Postal
Rua Visconde de Figueiredo n.º 81
Caixa Postal n.º 24.119 — ZC-09
20.550 — Tijuca — Rio de Janeiro

Composto e impresso nas oficinas da GRÁFICA EDITORA LORD S.A.

Distribuído por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

A MÃO QUE AGARRA

MORGAN FRANKS

Tradução de PENTEADO DOS REIS

Coleção OESTE BARRA PESADA

Números publicados:

1 — O CONTO DA MINA
2 — MALA MORTE
3 — O XERIFE E O CHICOTE
4 — O DINHEIRO SUMIU
5 — A MOÇA VIOLADA
6 — O BRILHO DO ÓDIO
7 — VENENO PURO!
8 — UM TÚMULO ABERTO
9 — NO TEMPO DE UM ENTERRO
10 — OS DÓLARES E O XERIFE
11 — UM ROSTO MAU
12 — PAGAMENTO COM CHUMBO
13 — O CADAVER E O DINHEIRO
14 — MÃO QUE AGARRA

A publicar:

15 — VINGANÇA TARDIA
16 — ESCRAVOS DA LEI

CAPÍTULO PRIMEIRO

O segredo dos corvos

Joe Brenam tinha medo. Gemia, baixo, com a mão direita fechada convulsivamente na coronha do revólver, os olhos vermelhos e brilhantes de febre perscrutando a noite, a escuridão opaca. Seu corpo estremecia com freqüência e não apenas por causa do medo. Joe Brenam tinha dois ferimentos profundos de bala no corpo. Um no ombro esquerdo e outro na perna, do mesmo lado. Os ferimentos datavam de dois dias atrás e a febre era um sintoma de que estavam infeccionando. Encolheu-se mais na pequena gruta onde estava escondido e ficou atento, tanto quanto o medo e as dores lhe permitiam. De vez em quando julgava pressentir um ruído no exterior e fica-

va rígido, com o revólver apontado para a noite, esperando ver aparecer uma figura alta, ereta, com uma estrela flamejante no peito. Porém, sempre eram os coiotes. Os malditos coiotes que uivavam fracamente nas redondezas, esperando para saltar sobre ele. E seu medo aumentava. Sentia frio, muito frio, conseqüência da febre. Não sabia o que receava mais: se o homem da estrela, ou desmaiar e ficar à mercê dos coiotes. De qualquer forma, era inegável que sentia um medo irracional, convulsivo. De repente, não teve dúvidas. Alguém se aproximava cautelosamente da gruta, a pé. No entanto, apurando o ouvido, percebeu os cascos de um cavalo, certamente trazido pela brida. Podia ser o maldito homem da estrela. Com as lágrimas nos olhos, apertando os dentes para não gritar, de pavor e de angústia dolorosa, Joe Brenam apontou o revólver para a entrada da gruta. Porém, uma voz seca disse:

— Tenha cuidado com o que faz, imbecil! Sou eu.

Joe abaixou o revólver lentamente, deixando escapar um profundo suspiro.

— É você, pai? Conseguiu ajuda para mim?

O velho Brenam franziu a testa, encimada por uma mata abundante de cabelos grisalhos, e grunhiu:

— Está com medo, rapaz?

Não adiantava negar.

— Estou, pai. Com medo, com febre e com muitas dores.

— Muito bem, Joe. Creio que tenho a solução para nossos problemas.

— Arrumou um médico para me tratar?

— Um médico? É só nisso que você pensa?

— Estou doente, pai! Muito doente! Estes malditos ferimentos estão acabando comigo! Sinto muita febre! Preciso de um médico, pai!

— Está bem, está bem! Você precisa de um médico. Mas não é só disso que nós precisamos. Há outras coisas. Eu vi coiotes de duas patas, aqui perto.

— Viu o rural?

O pavor voltou à voz de Joe Brenam.

— Não. Esqueça o rural. Os coiotes de duas patas de que eu falei são outros. Me refiro a gente comum, entende? E descobri uma pessoa que vai nos ajudar.

— Vai cuidar de mim?

— Claro. Vai cuidar de você e nos dar tudo o que precisamos.

— Isso não me interessa, pai. Só quero ficar curado e me mandar para bem longe deste maldito lugar.

— Ficou maluco? E Pat? Não conta, para você?

— Pat morreu, pai!

— Precisamente por isso. Pat precisa ser vingado.

— Pai, não vê que eles puseram atrás de nós o rural mais duro e perigoso que existia em Abilene? Veja o que ele fez com Pat!

— Eu sei o que ele fez. E quero vingar Pat, imbecil! Esse rural não ficará com a glória de ter matado Pat Brenam!

— Pai, jamais conseguiremos! Pat era o melhor de nós todos, o melhor com uma arma. E veja o que ele fez! Matou Pat facilmente e meteu duas balas no meu corpo.

— Você é um covarde, Joe! Seu irmão era o melhor de nós. Disse bem. E foi morto. Tem que ser vingado!

— Não é o que penso. Quanto a mim, quero apenas meter muita terra entre esse rural e eu.

— Eu sei o que você pensa. E o que merece também. Merece que o deixe aqui, apodrecendo! É isso que merece! Mas não vou fazê-lo. Apesar de tudo, você também é meu filho, Joe. Vou fazer com que o tratem e vingarei Pat.

Joe Brenam ficou calado. Conhecia bem o pai. Era um homem cruel, sem escrúpulos, e obstinado. Era bem capaz de o deixar ali, sozinho, se o contrariasse muito.

— É... — murmurou por fim. — Creio que você tem razão. Precisamos vingar Joe.

— Esse foi um rasgo de lucidez em sua cabeça idiota, Joe — riu o velho Brenam. — Vamos lá. Só temos um cavalo. Você irá montado e eu seguirei a pé. Não é generoso da minha parte?

— É, sim, pai. Muito generoso, obrigado. Vamos lá...

— Assim está melhor, Joe. Aí na frente temos um povoado. Chama-se Cisco e lá nos ajudarão.

— Tem certeza, pai?

— Tenho, sim. Pode confiar no seu velho pai. Bolei um plano que vai nos ajudar muito.

— O que é?

— Cale a boca agora. Depois verá. Mas tem um detalhe importante. Confirme tudo o que eu disser, entendeu? Não abra a boca para falar nada que não seja corroborando minhas palavras. Deixe o resto comigo.

Joe assentiu com a cabeça. Não estava disposto a contrariar o velho, arriscando-se a que ele o abandonasse.

* * *

O homem que ia a cavalo devia ter uns vinte e cinco anos, cabelos negros e olhos castanhos. A testa baixa estava quase oculta por mechas rebeldes de cabelo. O rosto era animalesco, um reflexo dos instintos irracionais que o governavam. O

corpo, forte, musculoso, estava dobrado para a frente, agarrando-se ao pescoço do cavalo para não cair.

O que seguia a pé, ao lado do cavalo, devia rondar os cinqüenta anos, mas seu aspecto descuidado, sujo e cruel, o fazia parecer dez anos mais velho. Tinha os cabelos grisalhos, olhos cinzentos escuros e nariz grande, avermelhado. Era do tipo atlético também, apesar de uma certa lentidão nos movimentos, fruto dos anos e da vida desregrada. Ambos os homens, os Brenam, pai e filho, usavam revólveres baixos, sendo evidente sua condição de pistoleiros baratos e cruéis.

Joe, febril, gemia de vez em quando, pois os movimentos do cavalo causavam-lhe dores atrozes nos dois ferimentos, onde as balas se mantinham. O pai exibia uma expressão pensativa, com leves sorrisos esporádicos. Era claro que estava satisfeito com o rumo de suas idéias.

Finalmente, Cisco apareceu diante deles. Apesar da noite, podia ver-se que se tratava de uma cidade importante, com muito gado. Cisco possuía tudo para ser uma região de boa pecuária. Água abundante, bons pastos, um vale imenso. O lugar ideal para dois homens como os Brenam tentarem tirar suas vantagens.

Entraram na cidade a passo de cavalo, desviando-se da rua principal, metendo-se pelos fundos das casas, do lado esquerdo. Avançaram mais uns duzentos metros e o velho Brenam deteve o cavalo sobre o qual o filho continuava gemendo. Sacudiu-o levemente e sussurrou:

— Desmonte, Joe. Chegamos. Veja se consegue parar de gemer um pouco, sim? Começo a ficar nervoso.

— Estou me sentindo muito mal, pai...

— Eu sei como está se sentindo. Já fui ferido outras vezes também. E me deixaram em estado bem pior do que você. Agora escute. Vai ficar aqui uns minutos, enquanto eu farei um reconhecimento do terreno.

— Vai me deixar sozinho, pai?

— É só por uns minutos.

— Pai, levará o cavalo também?

— Claro. É para me deslocar mais rapidamente. Não se trata do que você está pensando.

— Não... eu...

— Sei muito bem que está pensando que vou

abandoná-lo aqui, para que o encontrem, tratem de seus ferimentos e o metam no xadrez. Talvez fosse isso que eu devesse fazer, sabe? Mas não estou pensando desse jeito, fique descansado. Se bem que, com certeza, o tratariam, o deixariam como novo, para depois enforcá-lo. Sabe, as pessoas são muito engraçadas. Não enforcariam um homem ferido e doente como você. Primeiro cuidam dele, deixam-no curado, como novo, e depois... zás! Para a forca!

Joe estremeceu visivelmente, não só por causa da febre e das dores, mas principalmente devido ao pavor.

— Está bem, pai. Vá logo! E volte depressa! Não agüento mais estas malditas dores e a febre.

— Calma, Joe! Calma! Volto num segundo.

Montou e afastou-se. Ficou longe por cinco minutos apenas, após o que regressou, com expressão satisfeita.

— Tudo sob controle, Joe. Tudo calmo. Não há perigo. Podemos ir.

— Sabe se o rural está na cidade?

— Não. Não creio que esteja. Se bem que,

se estivesse, não ficaria por aí se exibindo. Mas não pense nele. Nós cuidaremos desse assunto mais tarde.

— Tenho medo, você sabe, pai...

— Não se preocupe. Em breve estaremos muito bem. Vamos, monte!

Ajudou o filho a subir para a sela e, levando o cavalo pela brida, caminhou mais algumas dezenas de metros, detendo-se nos fundos de uma casa de ladrilhos vermelhos, com aspecto de prosperidade. O pátio dos fundos era limitado por um muro baixo, fácil de pular. Brenam saltou sem dificuldade e abriu o portão, para que Joe entrasse, ainda montado. Foram até junto da porta e Brenam bateu com os nós dos dedos. Minutos depois, uma mestiça ainda jovem veio abrir, espantando-se com a presença e o aspecto deplorável dos dois homens.

— Quem são vocês? O que é que querem aqui?

— Calma, mocinha. Quero falar com Creviston. Diga isso a ele.

— *Mister* Creviston...

— Mocinha — cortou com dureza Brenam.

— Olhe para meu filho. Ele está ferido, muito doente. Compreenda que não posso perder tempo.

— Já entendi — sorriu a empregada. — Querem comida. Esperem um pouco.

— Diabo de megera! — estalou o velho. — Eu disse para avisar Creviston que estou aqui e quero falar com ele. Meu nome é Brenam.

Assustada com a dureza das palavras dele, a empregada recuou um passo.

— Não sei se *mister* Creviston vai poder atendê-lo agora...

— Você não tem que saber, nem deixar de saber, imbecil! Vá dizer a Creviston que quero falar com ele. Informe seu patrão que eu estava no Barranco dos Corvos há algumas horas. Ele virá me ver.

O modo como o velho falou não admitia réplica. A mestiça voltou-se e desapareceu no interior da casa. Minutos mais tarde, reapareceu, precedida por um homem de meia-idade, baixo, cabeça quase calva, olhos claros e testa alta. Era notória a personalidade daquele homem, especialmente pela serenidade do olhar, na firmeza dos gestos.

— O que é que vocês querem? Quem são vocês? — perguntou Creviston, olhando interrogativamente para Brenam.

— Eu sabia que você viria, Creviston.

— Não os conheço. Não sei quem são, nem o que pretendem. Mas devo avisá-los de que não disponho de tempo para perder.

— Nós também não, Creviston. Veja o meu pobre filho Joe. Está ferido, com muita febre. Precisa ser tratado.

— Por que não procuram um médico?

— Não se faça de idiota, Creviston. Você é um homem inteligente. Vou lembrar-lhe um detalhe. Eu estava no Barranco dos Corvos, há umas horas, e sei do plano para assaltar o banco. Pouco me interessa suas sujeiras, o que faz com o dinheiro do seu banco, ou deixa de fazer. Se bem que não consiga entender. Para mim, daria no mesmo, ter o dinheiro no meu banco ou dentro do bolso. Mas isso é problema seu.

Pálido, Creviston articulou:

— Do que é que você está falando, Brenam?

— Ora, pare com bobagens, Creviston! Preciso

de ajuda. Você vai nos hospedar em sua casa, até que Joe fique bom, curado, entende. Depois não terá mais problemas conosco.

— Você está louco! Não sei quem é, nem o que está dizendo!

— Acredite, Cresviston, que não hesitarei em botar a boca no mundo, contando tudo o que sei. E o que diriam as pessoas, hem? O que diriam, quando soubessem que os caras que assaltaram o banco de Creviston estavam trabalhando sob as ordens do próprio banqueiro, hem? O que aconteceria, se descobrissem a classe de cafajeste que guarda o dinheiro deles?

Creviston estava lívido.

— Você não...

— Não, Creviston. Não falarei nada. Desde que nos hospede em sua casa, nos trate muito bem e cuide de meu filho. Outra coisa. Eu tenho um segundo filho, sabe? Chama-se Pat e é mais velho e mais inteligente do que Joe. Mas Pat ficou lá fora, em algum lugar dessa cidade bonita, vigiando o que acontece aqui. E se não correr tudo conforme eu planejei, ele vai direto para o escritório do xerife e conta o que a gente sabe.

Esse negócio do Barranco dos Corvos, o assalto ao seu banco, o roubo dos sessenta mil dólares, entendeu?

O banqueiro estava branco como uma vela. Passou a mão pelo rosto, angustiado, como se quisesse afastar o pesadelo que estava vivendo. No entanto, e Brenam reparou nisso, a serenidade não desapareceu de seus olhos tranqüilos.

— Entrem — disse simplesmente.

CAPÍTULO SEGUNDO

A risada da hiena

Creviston ajudou Joe a desmontar. O rapaz deixou-se deslizar pelo flanco do cavalo, sendo necessário que Brenam e Creviston o amparassem, para não cair. Sempre seguro pelos dois homens, penetrou na casa. Brenam não conteve uma exclamação de assombro, quando chegaram à sala. Era um luxo. Tinha, até, tapetes no chão, macios e vermelhos. Pesados lampiões pendiam das paredes pintadas, onde alguns quadros lhe conferiam um ar austero, mas de muito bom gosto. Os sofás vermelhos estavam impecavelmente limpos, bem como a brilhante e enorme mesa no centro da dependência, rodeada de cadeiras de espaldar alto, também brilhantes. À direita da sala, havia

uma escada, atapetada de vermelho, que conduzia ao andar superior, para onde se dirigiram.

— Hem, Joe? — grunhiu o velho. — Não se sente melhor, só de pisar num palácio destes? Nossa! Isso, sim, é que é vida! Veja como é bonita essa casa, filho!

Mas Joe não via nada. Quase não se agüentava em pé, à beira de um desmaio. A qualquer hora poderia entrar em coma.

— Não é uma beleza, Joe? — prosseguiu Brenam, olhando em volta. — Veja esses quadros! Uma maravilha! Isso, sim, é viver! Você está de parabéns, Creviston. E acho que começo a entender o porquê desse negócio do banco, dos sessenta mil...

— Cale a boca e vamos levar seu filho para cima — disse, com dureza, o banqueiro.

Brenam olhou-o por instantes, fixamente. Deu a impressão de ir explodir, mas disse apenas, com suavidade:

— Não gosto que falem assim comigo, Creviston... Não o faça, ou pode ser muito ruim para todos nós.

Começaram a subir as escadas. Estavam na

metade, quando a porta da rua se abriu e uma garota apareceu. Devia ter uns vinte e cinco anos, cabelos louros, graciosamente amarrados na nuca, e olhos verdes, profundos. Era extremamente bela. Estava usando um traje de amazona, que lhe cingia o corpo, realçando as formas exuberantes e perfeitas. Brenam voltou-se e deteve o olhar na figura atraente da garota, percorrendo-a grosseiramente.

— O que significa isso, papai? — perguntou ela. — Quem são esses homens?

— Ora, ora — exclamou Brenam, antes que Creviston pudesse falar. — Nosso amigo Creviston tem uma filha! E linda como as flores! Se eu fosse poeta, diria que você me lembra o nascer do sol, mocinha! Minhas felicitações, Creviston! Você tem uma filha que é um amor!

Até as palavras delicadas de Brenam soavam a insultos, na boca suja do pistoleiro.

— Papai, quem são esses homens? — insistiu a garota, pousando o olhar em Joe, que estava dobrado para a frente, já semi-inconsciente.

Creviston respirou com força, antes de responder, com voz pouco firme:

— São... são velhos amigos meus, Lorna.

Estão em apuros e precisam de ajuda. Joe está ferido.

— Velhos amigos, hem? — duvidou a garota.

— Você ouviu seu pai, boneca — sorriu Brenam. — Somos amigos de há muitos anos e Creviston, muito gentil, propôs-se a nos ajudar agora. E você vai nos ajudar também, sabe?

— Eu?

— Claro.

Brenam voltou-se para o filho e perguntou:

— Joe, você não gostaria de ter uma enfermeira assim?

— Eu... não...

— Lorna, por favor — interveio o pai.

— Mas, papai...

— Por favor, Lorna. Faça o que ele disser.

— É isso mesmo, garotinha! — sorriu Brenam. — Meu filho adoraria ter você como enfermeira. E, depois, não precisa temer nada dele. Já vê... No estado em que se encontra...

Lorna Creviston sentiu um estremecimento de

repulsa. Joe e Brenam era nojentos, repugnantes para ela.

— Não sei ser enfermeira — murmurou.

— Não perguntei se você sabia, boneca. Eu disse que você vai ser.

— Papai, não pode consentir que...

— Por favor, minha filha. Depois eu lhe explicarei.

— É isso aí, boneca. Escute seu pai. Sabe, os filhos sempre devem escutar seus pais.

— Mas vocês...

— Chega! — cortou asperamente o pistoleiro. — Você vai arrumar algodão, álcool, ataduras, essas coisas para fazer curativos.

— É melhor ir chamar o doutor Malcolm — interveio Creviston.

— Não! — atalhou Brenam. — Nada de médicos. O que tiver que ser feito, será, mas entre nós. Eu ajudarei, você e sua filha também. Tudo vai sair perfeitamente.

— Mas com o médico era mais fácil e seguro e...

— Nada disso. Você ouviu o que eu disse.

Serenamente, Creviston assentiu:

— Está bem.

— Mande sua filha trazer o que eu pedi.

— Lorna, por favor...

— Está bem, papai. Mas...

— Por favor, Lorna. Não diga nada. Faça o que ele diz.

A garota ia dizer mais alguma coisa, mas o aspecto do pai era de tal forma implorador que desistiu, encaminhando-se para a cozinha. Brenam ficou observando como ela se deslocava, sorrindo. Aquela talvez fosse uma excelente mulher para Joe.

— Vai ficar aí parado o dia inteiro? — perguntou Creviston.

— Não, não. Claro. Estava apenas pensando que sua filha é muito bonita mesmo. Uma gracinha.

Creviston não gostou do comentário, mas não disse nada.

— Quero o melhor quarto para meu filho,

Creviston. Limpo, bem iluminado, com uma janela que dê para a rua e por onde entre bastante ar.

Foi vendo os quartos ao longo do extenso corredor do segundo andar, acabando por escolher um, espaçoso, amplo, com uma janela de cortinados brancos, sobre a rua principal.

— Este aqui parece bom — grunhiu.

— Mas... este é o quarto de minha filha!

— Não perguntei de quem era, Creviston. É aqui que Joe vai ficar. E será bom não me contrariar muito. Convença-se de que, enquanto aqui estivermos, eu é que dou as ordens. Entendido?

Creviston inclinou a cabeça para o peito e ajudou a deitar o ferido na cama de lençóis impecavelmente limpos. Brenam arrancou a camisa de Joe, deitando-o em seguida. O tronco musculoso, moreno, de Joe Brenam destoava na brancura daqueles lençóis. Era como uma mancha, uma nódoa.

Pouco depois, Lorna estava de volta, com os artigos necessários para um curativo de emergência. Atrás dela surgiu a mestiça, de olhos brilhantes e assustados.

— Você — Brenam dirigiu-se à empregada —

vá para a cozinha! Daqui a uma hora quero ter um bom jantar preparado. Eu como muito e bem. Espero que faça uma comidinha gostosa, para não ter que lhe arrancar as orelhas!

Aturdida, a empregada olhou Creviston, esperando instruções dele.

— Vá, Clarita! Faça o que ele diz. É melhor para todos nós.

A mestiça encolheu os ombros e encaminhou-se para a cozinha. Lorna entrou, colocou as coisas sobre uma mesa e ia sair, quando Brenam a deteve.

— Você fica, Lorna querida! Não esqueça que vai ser a enfermeira de meu filho. Terá que me ajudar a tratar dele.

Contra sua vontade, a garota esperou as ordens de Brenam. Em menos de uma hora, os curativos estavam feitos. Brenam tinha uma certa experiência daquilo e o fato de Joe ter desmaiado contribuiu para tornar tudo mais fácil. As balas não opuseram resistência, sendo extraídas com a ajuda de uma faca de bico. Depois os ferimentos foram desinfetados, lavados com álcool e pensados. Se Joe estivesse acordado, teria desmaiado com o tratamento pouco carinhoso do improvisado cirur-

gião. Por fim, longas ataduras foram passadas em volta do tronco do ferido. Usando o álcool e algodão, Brenam limpou o rosto do filho, dando-lhe um aspecto mais apresentável.

— Pronto — disse, por fim. — Logo essa febre vai ceder e, dentro de uns dez dias, ele estará andando por seu próprio pé. Vocês foram muito prestativos.

— E agora, Brenam?

— Bom, vou jantar, me lavar e darei uma volta por aí.

O banqueiro respirou aliviado.

— Pelo menos, me verei livre de você por algum tempo...

— Não se iluda, Creviston. Sua filha vai ficar aqui, cuidando de Joe. Quando eu voltar, a revezarei. Entretanto...

Deu alguns passos pelo quarto, como se estivesse digerindo alguma idéia brilhante.

— Sabe... meu filho Pat está lá fora. Ele também precisa comer. Entendeu?

— Entendi.

— Bom, acho que uns cem dólares serão o bastante.

— Vou buscar.

— Eu esperarei aqui. Não demore. E, de caminho, traga sua linda filha.

Creviston fuzilou-o com o olhar e deixou o quarto.

— Joe — disse o pistoleiro, sacudindo levemente o rapaz. — Acorde, idiota! Acorde!

Alguns tapas no rosto de Joe fizeram-no despertar.

— Hem? O que aconteceu?

— Como é que está se sentindo, Joe?

— Melhor. Mais aliviado... Mas ainda tenho febre...

— Claro que tem febre. Mas isso passará logo. As dores já abrandaram, não é?

— Já, já. Você vai sair?

— Vou, sim. Creviston foi buscar cem dólares para eu levar a seu irmão Pat.

— Mas Pat...

— Não seja estúpido, Joe! Creviston foi informado de que Pat está na rua, vigiando, pronto para dar com a língua nos dentes, se alguma coisa sair errada. Entendeu? Veja se fica calado.

— Está bem. Mas o que é que... Pat poderia saber?

— Escute. Quando deixei você naquela gruta, eu vim a Cisco, ver como estava o ambiente, lembra?

— Claro, pai. E daí?

— Bom, soube que, no dia anterior, tinha acontecido um assalto, muito bem planejado, quando roubaram sessenta mil dólares do banco. Acontece que esse banco é de Creviston e eu sabia que ele estava implicado.

— Como sabia?

— É simples. A gente escuta, entende e utiliza a cabeça. Ontem, antes do assalto, eu tinha deixado você e dado uma volta pelos arredores, para saber se tudo estava em ordem. Estava no Barranco dos Corvos e já me dispunha a regressar ao nosso acampamento, depois de me certificar de que não havia sinais do rural, quando escutei o galope de um cavalo. Me escondi, pois certa-

mente tratava-se de alguém de passagem. Vinha do lado da cidade e não podia ser o rural. Para meu desespero, outra pessoa estava esperando por esse cavaleiro, a poucos metros de mim. E eu escutei a conversa deles.

— Escutou o quê?

— Que iam dar um golpe de sessenta mil dólares no banco. E que Creviston estava implicado. Ele era o mandante, digamos assim. Havia também um tal de Lloyd, certamente um pistoleiro. Quando vim a Cisco, confirmei que tinham dado esse golpe no banco e que Creviston era o dono do banco. Foi preciso apenas mencionar o Barranco dos Corvos e o negócio dos sessenta mil dólares para que Creviston nos abrisse as portas, como você viu.

— Não é muito perigoso, pai?

— Já vem você com o seu medo outra vez, Joe? Fique dormindo, que não estarei fora muito tempo. Aliás, enquanto eu estiver na rua, a linda filha de Creviston ficará com você. Depois eu a substituirei.

As feições de Joe animaram-se um pouco.

— Ela é um bocado de mulher, hem, pai?

— Agrada-lhe?

— O que é que você acha?

Joe soltou uma risada que lembrava o lamento de uma hiena.

— Vá com cuidado. Se Creviston souber que tentamos alguma coisa contra a garota, pode perder a cabeça. E isso significará uma corda em nosso pescoço, não esqueça.

— Pode deixar, pai. Não sou nenhum bruto.

Dessa vez, foi Brenam quem soltou uma risada. O brutal Joe dizia que não era um bruto!

CAPÍTULO TERCEIRO

Um homem decente

Creviston não parecia o mesmo. Alguns fios prateados haviam-se juntado em sua quase calva cabeça. Sentado atrás da mesa do escritório principal do banco, tinha as mãos crispadas e a expressão contraída. No entanto, o olhar mantinha-se sereno, como se fosse a superfície de um vulcão, antes de entrar em erupção.

— Lamento tudo o que aconteceu, Belle — disse surdamente.

A garota que se encontrava diante dele tinha os olhos muito vermelhos de chorar. Aparentava uns vinte e cinco anos, cabelos castanhos e olhos cinzentos. O rosto bonito, de linhas perfeitas,

estava agora com uma expressão atormentada, fruto de longas horas de choro. Porém, o corpo mantinha-se extraordinariamente belo, com cada curva no lugar certo, os seios eretos e agressivos, a linha da cintura marcada pela saia apertada, as pernas bem torneadas e firmes, adivinhando-se sob o tecido fino.

— Eu sei, *mister* Creviston. Eu sei...

— Qualquer coisa que eu possa fazer por você, Belle, não hesite em me pedir. Bem sei que o principal eu não poderei lhe dar. A vida de seu pai. Jem era um homem maravilhoso e mais que um empregado, para mim. Era um amigo em quem eu confiava. Talvez o único homem decente desta cidade. Ele não devia ter tentado impedir os ladrões.

Belle Parrish afogou um soluço.

— Meu pai morreu no cumprimento de seu dever. Era o que ele sempre dizia. Que gostaria de morrer cumprindo seu dever...

— Eu sei. Mas não precisava ser desse jeito. Jem me faz muita falta, especialmente como amigo. Você sabe que estou sendo sincero.

— Eu sei, *mister* Creviston. Meu pai sempre

falava no senhor como um grande homem, bom e amigo.

— Jem era um grande homem, não eu. Mas, infelizmente, não adianta ficarmos disputando isso agora. O destino foi cruel demais com todos nós. Repito que não deve sentir acanhamento nenhum em me dizer do que precisa, Belle. Bem sei que está sofrendo, que o momento é muito duro, mas é preciso que saiba que, além da indenização a que tem direito como filha do homem que morreu tentando defender os interesses do banco, eu pessoalmente gostaria de poder ajudá-la.

— Obrigada, *mister* Creviston. O senhor é muito bom.

— Não se trata de bondade, Belle. É simplesmente justiça.

— Obrigada. Pedirei, se necessitar de ajuda.

— Não hesite. Agora me desculpe, mas preciso fazer uma porção de coisas, relacionadas com o assalto. Minha posição também não é agradável. Dentro de alguns dias estará aqui o delegado de Austin, vai fazer um montão de perguntas, enfim, minha carreira estará em jogo.

A garota assentiu com a cabeça e voltou-se,

encaminhando-se para a saída, sob o olhar apiedado e revoltado dos demais empregados. Em todos eles, se poderia ler a revolta pelo trágico fim de Parrish, um homem bom, decente, que achou ser seu dever opor-se aos intentos dos assaltantes, o que lhe custou a vida, de forma brutal.

Belle saiu do banco, contendo a vontade louca de chorar. Não poderia fazê-lo ali, na frente de todo o mundo. Atravessou a rua e dirigiu-se para o escritório do xerife. Empurrou a porta e entrou. O escritório estava vazio. Mulcahy, o xerife, não estava. Pensou que isso seria bom. Sozinha, poderia chorar à vontade, enquanto esperava a volta de Mulcahy. Olhou para trás ainda. Havia muitos cavalos, circulando pela rua, amarrados nas barras, em frente do armazém de Magnus, diante do *saloon*. Tudo aquilo significava vida, vida que Jem Parrish, seu pai, não veria mais. Acabava de enterrá-lo umas horas antes. Fechou a porta lentamente, foi até a cadeira de Mulcahy e deixou-se tombar desalentadamente no assento. Apoiou os braços em cima da mesa e meteu a cabeça entre eles. Chorou então. Chorou sem pensar em mais nada. No pai morto, na sua situação desesperada, na solidão, no assalto, em nada mais. Chorou apenas. Para dar vazão a sua angústia, a sua dor.

Não pressentiu que a porta se tinha aberto e que um homem estava ali, olhando para ela de testa franzida. Era alto, bastante forte, musculoso, sem um grama desnecessário de gordura no corpo. Usava roupas escuras e um colete de couro. Dois revólveres pendiam da cintura estreita, com as coronhas gastas pelo uso. Os cabelos castanhos e os olhos escuros completavam a fisionomia dura, de traços viris, como que talhados em granito. Por fim, uma sensação de que não estava sozinha fez Belle levantar a cabeça.

— Sinto muito se a incomodei — disse o homem.

— Não... não tem importância. Você...

— Meu nome é Alan Clarkson. Quanto à identificação, creio que não preciso falar.

Apontou para o peito e Belle compreendeu. A estrela de cinco pontas dos Rurais do Texas brilhava na camisa escura.

— Sei. Você é um rural. Veio por causa do assalto?

— Não. Nem sei do que está falando. Estou perseguindo três coiotes desde Abilene. Um já enterrei no deserto e o outro, quase... Mas con-

seguiu escapar com o pai. É quase certo que vêm ou vieram para Cisco. Que assalto é esse de que está falando?

A garota olhou atentamente o rural. Não sabia explicar por quê, mas sentia-se segura na presença dele. Era como se fosse uma rocha, que nada podia abalar ou destruir. Sentia-se melhor, mais aliviada, não sabia se por causa de ter chorado, ou se pela simples presença de Alan Clarkson.

— Cinco bandidos assaltaram o banco de Cisco, ontem de manhã. Roubaram sessenta mil dólares. Mas um empregado achou que era seu dever opor-se aos bandidos e foi morto brutalmente a golpes na cabeça. Esse empregado, o caixa do banco, chamava-se Jem Parrish. Era meu pai.

Havia tal amargura na voz de Belle que o rural desejou não estar ali. Deu um passo mais para a mesa e estendeu o braço, acariciando os cabelos castanhos.

— Sinto muito, senhorita Parrish.

— Pode me chamar de Belle, como todo o mundo. Por um momento, pensei que tivesse vindo por causa do assalto, para apanhar esses assassinos.

— Não há xerife em Cisco?

— Claro, claro. Há o xerife Mulcahy e é um bom homem. Mas não conseguiu nada até agora.

— Compreendo. E você deseja mesmo que os assassinos de seu pai sejam castigados, não é?

— Meu pai era o melhor homem do mundo. Não havia ninguém como ele, em Cisco, salvo, talvez, *mister* Creviston.

— Creviston? Quem é?

— O diretor do banco. Algumas pessoas o chamam de dono do banco, mas não é assim. Ele é apenas o diretor. Os donos são de Austin. Mandarão um delegado dentro de alguns dias.

— Compreendo. Você disse que eram cinco, os assaltantes?

— É. Cinco. Foi o que Mulcahy e os empregados do banco falaram.

— Então não se trata dos bandidos que estou perseguindo desde Abilene. Os meus são apenas três. Dois, agora. E um está ferido.

Nesse momento, a porta abriu-se e um homem de cerca de quarenta anos, com a estrela de xerife no peito, entrou no escritório.

— Mulcahy — exclamou a garota, levantando-

se e correndo para o xerife. — Conseguiu averiguar alguma coisa?

— Não, Belle. Lamento, mas infelizmente não descobri nada. As pistas perdem-se no rio. Mas nós acabaremos pegando esses canalhas, Belle. Prometo.

Só então o xerife voltou sua atenção para o rural.

— Como é que vocês, dos rurais, já estão aqui?

— Não estou aqui por causa do assalto ao banco, Mulcahy. Meu nome é Alan. Alan Clarkson. Estou perseguindo três assassinos, os Brenam, pai e dois filhos. Um deles já morreu no deserto. O segundo filho está ferido e creio que vieram para cá.

— Não os vi. Para falar a verdade, não tenho estado em Cisco. Estive seguindo a pista desses cinco canalhas que assaltaram o banco. Mas perdi os rastros, no rio. Bom, também se os Brenam vieram para Cisco, não vão ficar por aí, exibindo-se para os representantes da lei.

— Claro, claro. Se souber alguma coisa, me avise. Estarei no hotel.

Voltou-se então para Belle e sorriu:

— Não desespere, Belle. A vida de seu pai ninguém pode lhe devolver. Mas esses bandidos serão apanhados.

— Confio nisso. Eu moro na terceira casa, depois do armazém de Magnus. Nos veremos de novo?

— Talvez, Belle. Talvez.

— Apareça, por favor.

— Apareço, sim, Belle.

A garota saiu e o rural voltou-se para o xerife.

— Quer me contar o que há sobre esse assalto, Mulcahy?

— Claro, claro. Sente-se. Quando se deu o assalto, eu não estava em Cisco. Tinha ido observar o terreno no rancho dos Creviston. Norval Creviston, o filho do dono do banco, me pediu para ir até lá, porque tinham sido assaltados. Os ladrões roubaram algumas cabeças de gado e eu fui procurar as pistas. Vi que eram cinco, também, talvez os mesmos que assaltaram o banco. Mas, também aí, não pude seguir as pistas, porque se perderam igualmente no rio. Quando voltei a Cisco, tinham assaltado o banco. Pelo que Creviston me falou e os empregados, três dos assal-

tantes entraram e mandaram abrir o cofre. Dois devem ter ficado de vigia na rua.

— Compreendo. E como mataram o caixa?

— Parrish era um homem decente, um empregado exemplar do banco e uma pessoa muito considerada em Cisco. Achou que era seu dever impedir o assalto e reagiu. Os assaltantes mataram-no a coronhadas na cabeça.

— Claro. Assim não fariam barulho.

— Você vai cuidar do caso?

— Por quê? Você não está tratando já disso?

— Duas pessoas têm mais chance do que uma.

— Não sei. Preciso pensar ainda e ver se poderei. Depois falarei com você.

— Está bem. Se eu souber alguma coisa sobre os Brenam, lhe avisarei também.

— Certo. Bom, o que é que você me diz de Belle Parrish?

— O que quer saber sobre ela?

— Como é que ela ficou, depois da morte do pai? Me parece muito solitária, muito infeliz.

— Belle ficou sozinha. Ela e o pai eram muito amigos. Viviam praticamente um para o outro. Desde que ele morreu, que a pobre garota não pára de chorar, sem ninguém com quem desabafar.

— E como é que ela vai tocar a vida para a frente? Não tem outros familiares?

— Não. Mas Creviston não a deixou desamparada. Concedeu-lhe uma pensão, além de se prontificar a ajudá-la em tudo o que ela precisar.

— Parece-me um bom sujeito, esse Creviston.

— E é. Creviston é um homem decente, honesto cem por cento. Todo o mundo gosta dele.

CAPÍTULO QUARTO

Um servicinho para amigos

Lorna Creviston estava junto da janela, olhando a rua. Joe dormia, menos pálido do que no dia anterior. A febre tinha cedido e as dores haviam passado. Lorna estava pensativa, meditando na estranha situação que aqueles dois homens haviam criado em sua casa. Era evidente que exerciam alguma espécie de poder sobre o pai, mas não conseguia entender o que o respeitável Josh Creviston poderia ter a ver com pistoleiros e, provavelmente, assassinos e foragidos da justiça.

— Ei, boneca — chamou a voz de Joe, repentinamente.

— O que é que...?

Voltou-se, assustada. Por um momento, tinha esquecido que o ferido se encontrava ali.

— Venha aqui, perto de mim.

— O que é que você quer?

O olhar de Joe percorreu o corpo sinuoso, perfeito, provocante mesmo, da bela garota.

— O que eu quero, agora não posso — disse, com um sorriso porco.

— Você é um animal! — explodiu a garota.

— O que é isso, menina? Está furiosa comigo?

— O que eu devia fazer era enterrar uma faca nas suas costas, enquanto estivesse dormindo.

— Você é do tipo de mulheres que me agradam, sabe? Cheias de gênio. Gosto de dobrá-las.

— O que é que você quer de mim, afinal, canalha?

— Tenho sede! Traga água!

Lorna olhou-o com nojo. Encheu um copo com água e estendeu o braço para ele.

— Estou muito fraco. Me dê na boca.

— Beba você.

— Parece que quer que seu pai passe um mau bocado, mocinha.

Havia uma ameaça latente na voz sibilada do bandido.

— O que é que vocês têm contra meu pai?

— Me dê a água, na boca!

Relutante, a garota aproximou-se, chegando o copo aos lábios de Joe. O pistoleiro estendeu o braço direito e acariciou o seio firme e generoso de Lorna, que não pôde evitar um estremecimento de nojo.

— Está com medo?

— Estou com nojo de você.

A bofetada brutal acertou os lábios de Lorna com violência. Um fio de sangue começou a escorrer pela comissura dos lábios, enquanto as lágrimas lhe subiam aos olhos.

— Não seja ruim, boneca. Vai ver que, dentro de alguns dias, já pensará de outro jeito sobre mim. Agora suma daqui. Quero descansar.

Ela endireitou-se e correu para a porta, raivosa e humilhada.

Encontrou o pai na escada. Creviston olhou-a, viu que alguma coisa tinha acontecido e perguntou:

— O que foi, Lorna?

— Esse... esse bruto! Papai, mande eles embora de casa!

— Por enquanto, não posso, filha. Por favor, agüente um pouco mais. Logo terminará tudo. Então você saberá toda a verdade.

Nesse momento, um rapaz de cerca de vinte e oito anos apareceu também na escada, perguntando:

— Não acha que era hora de sabermos o que está acontecendo aqui, papai?

Creviston suspirou, olhou o filho por alguns instantes, e murmurou:

— Não tenho nada que explicar. Brenam e seu filho são meus amigos de antigamente. Estão em apuros agora e me pediram ajuda.

— Papai, isso não é verdade.

O banqueiro engoliu em seco.

— O que é que tem de mais?

— Papai — disse Norval Creviston. — Você nunca teve amigos desse tipo. Esses homens são marginais. Você sempre foi honesto.

— Brenam nem sempre foi desonesto, Norval. Não me interessa o que ele é agora.

A porta da rua abriu-se e Brenam entrou.

— Ora, ora! Temos uma visita? Não me diga que é o noivo de Lorna!

— Esse é o meu filho Norval — murmurou Creviston.

— Seu filho? Mas eu não sabia que você tinha mais filhos, além da encantadora Lorna.

— Você não perguntou. Norval é o mais velho. Fica pouco aqui em casa. Passa a maior parte do tempo no rancho.

— Hum! Que interessante! Você tem um rancho? Não sabia.

— Não é meu. Esse rancho pertence a meu filho.

— O que é isso, Creviston? O que é dos filhos, é dos pais. E o que é dos pais, é dos filhos. É a lei da vida...

— O que é que você está querendo, hem, Brenam? — perguntou Norval, agressivo.

Brenam compôs uma expressão de assombro e virou-se para Creviston:

— É essa a educação que você deu a seus filhos?

— Pare com a imbecilidade! — grunhiu Creviston. — Você sabe muito bem o que Norval está dizendo.

— E o que é que ele está dizendo, exatamente?

— Que você, sendo um amigo antigo, que estou tentando ajudar, se comporta de uma maneira... digamos, prepotente demais.

Brenam esboçou um sorriso.

— Ora, por que não falaram há mais tempo? Sabem, este é o meu jeito. O meu modo de ser. Não é por mal, não.

— Está bem. Chega, agora.

— Ótimo. Como está meu filho?

— Provavelmente dormindo, como um porco — rosnou Creviston.

— Você também não está sendo muito amável.

Bom, suba comigo. Preciso muito falar com você.

Com um suspiro, Creviston seguiu o pistoleiro, de volta para o quarto de Joe. Entraram e o banqueiro perguntou:

— O que é que você quer agora?

— Preciso de mais um favor seu.

— O que é?

— Bom, você tem um amigo que me interessa.

— Não entendo.

— Já vai entender. Estou me referindo a Lloyd.

— Lloyd?

— Esse mesmo. O pistoleiro que colaborou com você no assalto ao banco. Quer dizer... Foi ele que entrou no banco, é claro, mas seguindo suas ordens.

— O que é que você quer?

— Lloyd e seus homens têm que fazer um trabalhinho para mim. Exato. Lloyd Forbes é a pessoa indicada para fazer esse servicinho para mim.

— Diga de uma vez o que é que você quer!

— Bom, quando eu cheguei aqui, com meu filho, estava sendo perseguido por um maldito rural. Pensei que o tinha despistado definitivamente.

— E não despistou.

— Não. Não despistei. Ele está em Cisco agora.

— E você quer que esse Lloyd o mate... É isso?

— Quase que acertou. Na verdade, tenho medo que ele encontre Pat, meu outro filho, por aí, sabe? Seria desastroso. Quero que Lloyd pegue o rural e o traga aqui, vivo!

Creviston, pálido, estremeceu.

— Por que vivo?

— Acontece que tenho umas contas pendentes com esse rural, sabe? Foi ele que atirou em Joe.

— Não posso fazer isso, Brenam.

— Não mesmo? Por quê?

— Lloyd não vai concordar.

— Problema seu, Creviston. Arrume um jeito de ele concordar, para seu próprio bem. Agora vá. Procure Lloyd, fale com ele e convença-o a fazer esse servicinho para mim. Todos ficaremos satisfeitos e você pode pagar alguma coisa a Lloyd. Compreendo que ele talvez não queira trabalhar de graça...

— Você é... é...

— Sou o quê, Creviston? Escute aqui, amigo — disse o pistoleiro, com um sorriso canalha. — Eu soù um pistoleiro, cometi meus pecadilhos e a lei me persegue. Esse rural, mais precisamente. E você? Não fez nada que a lei recrimine e condene? Tem certeza? Ou sessenta mil dólares não pesam na sua consciência?

Creviston ficou lívido. A menção do assalto deixava-o mal.

— Escute, eu...

— Não me interessa por que fez aquilo, Creviston. Não me interessa mesmo! Você deve ter tido um bom motivo. Ou melhor, sessenta mil bons motivos. Eu tenho os meus para fazer o que faço. De acordo?

O banqueiro inclinou a cabeça.

— Está bem.

— Ótimo. Faça o que eu lhe disse e ninguém sairá prejudicado. A não ser nosso amigo Clarkson, o rural, é claro...

Soltou uma risada bestial, enquanto Creviston deixava o quarto.

CAPÍTULO QUINTO

A verdade

Alan Clarkson teve um dia ocupado. A primeira coisa que fez, nessa manhã, foi telegrafar para o quartel-general, em Fort Worth, pedindo permissão para se ocupar do caso do assalto ao banco de Cisco. Alguma coisa lhe dizia que, tomando conta desse assunto, não estaria desprezando a perseguição aos Brenam. Um palpite o levava a pensar que, de alguma forma, os dois casos se relacionavam.

Depois de telegrafar, deu uma volta pelos arredores da cidade. Tentaria achar alguma pista dos Brenam, ou dos cinco assaltantes do banco. No final da tarde, teve que se render à evidência. O xerife Mulcahy tinha razão. Todas as pistas

se perdiam no rio. Os bandidos haviam atuado com inteligência, não deixando rastros.

Voltou a Cisco. Colocou-se em frente do armazém de Magnus e começou a contar. Uma casa, duas, três. Aquela era a de Belle Parrish. Bateu com os nós dos dedos e esperou. Não tardou que a garota viesse abrir.

— Que bom que você veio!

— Preciso falar com você.

— Entre.

O rural penetrou na sala, modesta mas mobiliada com gosto. Notava-se a mão feminina.

— O que é que você queria falar comigo?

— É sobre o assalto.

— O que eu sabia, já disse, Alan.

Clarkson sorriu. Agradava-lhe ouvir seu primeiro nome na boca da garota.

— Veja se se lembra de mais alguma coisa. Por exemplo, seu pai não mencionou nada?

— Sobre o assalto? Como é que ele poderia saber?

— Bom, ele poderia ter ouvido qualquer coisa. Ou ter notado um comportamento estranho em algum dos colegas de trabalho... Coisas assim.

A garota ficou pensativa por alguns minutos. Finalmente, balançou a cabeça, em negativa.

— Não, Alan. Lamento, mas meu pai não falou nada. Aliás, era uma norma de nossa casa que o trabalho, especialmente os problemas, não entrasse aqui. O lar era sagrado, inviolável, dizia ele.

Uma sombra de tristeza passou pelos olhos bonitos de Belle Parrish.

— Sinto muito, estar fazendo-a recordar, mas...

— Não se preocupe, Alan.

— Creia que estou confuso, Belle. Não há pista nenhuma, no entanto, o modo como o assalto foi executado dá a idéia de que eles sabiam justamente o quê e onde procurar.

— O xerife comentou isso, também. Este banco só trabalha com muito dinheiro uma vez por mês. É quando vem de Abilene o pagamento para os homens que trabalham nas minas e na

estrada de ferro. Durante o resto do tempo, o movimento é pouco. Os rancheiros preferem depositar na sede do mesmo banco, uma vez por ano, quando vendem o gado. Creio que é uma questão de segurança.

— Compreensível, aliás. Cisco é uma cidade pequena, sem grandes recursos de defesa contra bandidos, como se viu neste caso.

— É. Acho que você tem razão.

— O que você me disse só reforça minha teoria de que alguém, de dentro do banco, ajudou os assaltantes, revelando-lhes exatamente quando e onde haveria dinheiro que justificasse o golpe.

— Mas todos os empregados do banco são absolutamente idôneos. Conheço-os bem. Eram muito amigos de papai e, algumas vezes, vinham aqui em casa jogar pôquer, à noite. Não acredito que nenhum deles pudesse ter feito isso.

— E Creviston?

— *Mister* Creviston? Por que ele iria fazer isso?

— Por sessenta mil dólares.

— Não, não. *Mister* Creviston, além de um cavalheiro, é uma pessoa obstinadamente honesta e decente. Meu pai dizia isso muitas vezes. Por outro lado, é dono de uma fortuna razoável. Tem dois filhos e comprou recentemente um rancho para Norval, o mais velho. Não tinha necessidade de se arriscar num assalto a seu próprio banco.

— Nem sempre as coisas são o que aparentam, Belle.

— O que está querendo dizer?

— Que nem sempre as pessoas que aparentam uma boa situação de vida estão vivendo sem problemas de dinheiro.

— Compreendo. Mas não acredito que tenha sido Creviston.

— Então quem foi?

— Não faço idéia, Alan. Sinto muito, mas parece que não estou sendo de muita utilidade.

— Claro que está. Pelo menos me deu sua opinião sobre as pessoas que trabalham naquele banco. Bom, vou andando para o hotel.

Levantou-se do sofá e pegou o chapéu.

— Alan...

— Sim?

— Sabe, eu acabei o jantar há pouco e...

— Está me convidando para jantar?

— Bom... sabe o que é? Eu ainda não me acostumei com a solidão.

O rural encarou-a firmemente.

— É só por isso?

— Não — disse ela, em voz baixa.

Clarkson passou o braço pela cintura elegante e atraiu-a para si. Belle não opôs resistência quando os lábios dele pousaram nos seus, numa carícia longa e ardente.

— Não sei o que aconteceu comigo, Belle — disse ele, abraçando-a, quando terminou o beijo. — Mas...

— Não diga nada, Alan. O que aconteceu com você se deu comigo também.

— Tem certeza, Belle?

— Tenho. Junto de você me sinto segura, feliz, apesar de tudo. Pode parecer egoísmo, mas...

— Por estranho que possa soar, creio que não é egoísmo, Belle. Mas amor.

Voltaram a beijar-se, apaixonadamente.

* * *

O homem estava sentado numa pedra, no caminho que levava ao Barranco dos Corvos. Estava ali há mais de duas horas. No entanto, quando se instalou naquele lugar tinha certeza de que teria de esperar. E estava disposto a fazê-lo. Abrira o laço que cingia a camisa, no pescoço, e fumava um cigarro atrás do outro. Por fim, levantou-se. O galope de um cavalo aproximava-se e só podia ser a pessoa que ele estava esperando.

A luz da lua bateu em cheio nas feições corretas e serenas de Creviston, o banqueiro de Cisco. Estava ligeiramente pálido, mas parecia tranqüilo, seguro de si. O cavaleiro encontrava-se agora a uns dez metros, quando o banqueiro se plantou no meio do caminho. O recém-chegado

puxou as rédeas repentinamente, freando a montaria.

— Você, aqui?

— Sim, Norval. Sou eu. Desmonte.

— Mas o que está fazendo aqui, papai?

O rosto de Norval adquiriu uma palidez intensa, enquanto desmontava.

— Precisamos conversar, Norval.

— Sobre o quê?

— Sobre muitas coisas, Norval.

— Fale logo, papai. Sabe que não agüento o suspense — tentou brincar o rapaz.

— Está bem. Para começar, vou-lhe falar de um homem, uma pessoa decente e honesta. Era um homem de família humilde, que tinha a mania da honestidade. Lutou desesperadamente durante os melhores anos de sua vida, tentando obter um lugar ao sol. Mas fez isso tudo à custa de seu trabalho suado. Jamais se afastou um milímetro da retidão, da honestidade. E conseguiu o que queria. Uma posição na vida, um lugar entre as pessoas importantes, o respeito de

todos. A par disso, logrou atingir uma posição econômica invejável. Porque soube utilizar a inteligência e a honestidade. Isso não lhe diz nada?

Norval tinha acendido um cigarro, com gestos nervosos.

— Diz, sim, papai. Não é a primeira vez que me conta a história de sua vida.

— Ainda bem que você se lembra.

— Mas a que propósito vem isso agora?

— Norval, meus dois únicos erros foram você e sua irmã.

— Não estou entendendo, papai.

— Claro que está. Você nunca fez nada, Norval. Sempre foi um pária, um inútil, mais interessado na companhia das mulheres de *saloon* e nos amigos indesejáveis do que em seguir o meu exemplo.

— Está sendo um pouco injusto, papai.

— Estou apenas falando a verdade. Você não presta. Nunca prestou. Sua irmã talvez não seja muito melhor do que você. Mas é mulher e isso justifica muitas coisas. Numa tentativa de o

fazer mudar, comprei um rancho e o dei a você. Tinha esperanças de que se converteria num aceitável rancheiro.

— O rancho está indo bem, papai.

— Mas não pelo seu trabalho, pelo seu esforço. Porque você continuou preferindo a vida desregrada, a companhia de homens como Lloyd Forbes!

Norval ficou lívido.

— O que está insinuando, papai?

— Não estou insinuando nada. Estou afirmando. Quando Brenam e o filho apareceram em nossa casa, falando do assalto ao banco e me ligando, diretamente, como mandante, ao roubo, percebi que o Creviston de quem eles estavam falando era meu próprio filho. Depois fui ligando as pontas e cheguei à verdade.

— Então você sabe de tudo? — murmurou Norval, baixando a cabeça.

— Sei, sim, Norval. Aceitei o jogo dos Brenam, para que o nome dos Creviston não corresse o perigo de cair nesse escândalo. Você não pensou em mim, ao aliar-se a Lloyd Forbes,

dando-lhe as informações necessárias sobre o banco para que cometesse o assalto?

— Não é tão simples assim, papai...

— O que é que há mais?

— Não importa, agora, papai. Me deixe ir lá em casa e acabar com esses abutres, os Brenam.

— Não! Você não fará nada disso! Fique quieto. Estive pensando muito e acabei achando o que pode ser a solução.

— Papai, se esses Brenam sabem da verdade... Mas como souberam?

— Ouviram Lloyd e seus homens, provavelmente. Brenam me disse que estava no Barranco dos Corvos quando o assalto foi comentado, ou preparado. Eles sabem, mas imaginam que o Creviston implicado sou eu.

— O que pensa fazer?

— Tentar salvar meu nome, meu prestígio, uma vez que você não pensou nele. Talvez o mais sensato fosse entregar você à lei, mas isso me arrastaria na mesma lama.

— Papai, eu irei lá em casa e acabarei com eles!

— Não! A situação é mais complicada do que isso. Além de existir um terceiro Brenam, um tal de Pat, vigiando, na rua, pronto para contar tudo ao xerife.

— Eu posso acabar com esse Pat Brenam também. Depois explicarei tudo e o senhor resolverá...

— A situação é mais complicada, idiota! Os Brenam estão sendo seguidos pela lei. Um rural já chegou a Cisco, atrás deles.

CAPÍTULO SEXTO

Execução sumária

— Um rural!

Norval estava lívido, torcendo as mãos com desespero.

— Um rural, sim. Não sei como você conseguiu fazer uma coisa dessas, mas a verdade é que está feita e agora precisamos achar uma solução.

— Que solução, pai?

— Não sei ainda. Os Brenam estão exigindo cada vez mais coisas. Agora querem que eu fale com esse pistoleiro, Lloyd Forbes.

— Para quê?

— Para que ele, com seus homens, apanhe o rural, vivo.

— Mas Lloyd não vai fazer isso!

— Terá que o fazer. Não vai me censurar por lutar por meu prestígio, pois não?

— Está bem, papai. Eu compreendo.

— Bom, eu decidi o que deve ser feito. Você fala com Lloyd, consiga-o como quiser, mas esse dinheiro tem que ser devolvido ao banco.

— Não é possível, papai...

— Não perguntei se era possível ou não, Norval. Você tem que o fazer. Ou devolve esse dinheiro ao banco, ou eu o denuncio ao xerife.

— Mas como é que vou fazer isso?

— Não sei. É problema seu. Depois de devolver o dinheiro, desapareçerá da região e do Estado. Nunca mais volte. Esquecerei que tive um filho.

A amargura era muito grande, para que Creviston continuasse mantendo a mesma serenidade.

— Papai...

— Não quero escutar argumentos, Norval. Tudo vai ser feito como eu disse. Não existe outra solução. Afinal de contas, quero manter meu nome limpo. Você deveria ter pensado nisso, antes de ter passado as informações para esses bandidos.

— Papai, não será bom para você...

— Não me interessa o que você possa dizer agora. Faça o que eu disse.

— Está bem, papai. Tentarei falar com Lloyd. Mas, no fim, não vai ser bom.

— Pior do que já está não pode ser. Meu próprio filho assaltando o meu banco... Quero esse dinheiro devolvido até amanhã, às nove horas, senão...

— Me denunciará ao xerife?

— Denunciarei.

— E o seu nome, o seu prestígio?

— Estará comprometido, de qualquer maneira.

— Está bem. Será como você quer, papai. Pelo menos, tentarei que seja assim.

Montou de um salto e afastou-se, deixando Creviston abatido, com a cabeça inclinada para

o peito. Toda a sua vida parecia ruir de um momento para o outro. Sabia que o filho não era um primor de qualidades, mas nunca pensara que ele pudesse chegar tão baixo, prejudicando o próprio pai!

* * *

Alan Clarkson deixou a casa de Belle Parrish cerca das nove horas. Imaginava a cara dos colegas, em Fort Worth, quando soubessem o que tinha acontecido. Ele, o rural mais duro, mais insensível, mais temido pelos bandidos, apaixonado como um colegial, capaz das maiores loucuras por uma mulher. E tudo isso acontecera em poucas horas. No entanto, parecia ter acontecido há séculos, como se sempre houvesse conhecido Belle.

Atirou fora o cigarro e olhou o céu. Estava abafado, prenunciando tempestade, para as próximas horas. Dirigiu-se para o hotel e subiu ao quarto, disposto a dormir profundamente até a manhã seguinte. Entrou no quarto e acabava de fechar a porta quando um objeto duro se encostou em suas costas e uma voz pausada ordenou:

— Muito bem, rural! Você vai ficar quietinho e nada lhe acontecerá.

Alguém aumentou a chama do lampião e Alan Clarkson pôde ver que havia dois homens mal-encarados dentro do quarto. Nenhum deles era Brenam.

— O que é que você quer?

— Vamos dar um passeio. Sammy, desarme-o.

O pistoleiro de nome Sammy avançou do outro canto e, rapidamente, tirou os revólveres do rural.

— Pronto, Red. A fera não tem mais garras.

— Muito bem. Vamos dar um passeio. Para fora, rural.

Red fez um gesto com o revólver, apontando para a porta, e Clarkson obedeceu. Não adiantava tentar resistir nesse momento. Só conseguiria que o matassem.

— Vamos pelos fundos, rural.

Seguido pelos dois marginais, o rural encaminhou-se para a escada dos fundos do hotel. Em poucos minutos, estavam no beco atrás do edifício.

— É muito longe, esse passeio?

— Umas duas ou três milhas. Temos os cavalos aqui perto.

— Muito bem. Quem lhes encomendou este servicinho?

— Cale a boca e ande — grunhiu Red.

Começaram a caminhar, sempre pelos fundos das casas, até que deixaram a cidade para trás. Amarrados num carvalho, pôde ver, pouco depois, três cavalos.

— Aí estão nossos amigos, rural. Logo, logo, chegaremos ao acampamento.

Pararam junto das montarias.

— Sammy fique de olho nele. Eu vou desamarrar os cavalos.

Era o momento que o rural esperava. Não seriam dois imbecis que o pegariam vivo, daquele jeito tão infantil. Quando Red abaixou o revólver, começando a afastar-se, Clarkson estendeu o braço, agarrou-o pelo colete e disparou a direita, furiosamente, contra o rosto dele. Ao mesmo tempo, deixou-se cair de joelhos, agarrando o revólver que o bandido soltara ao receber o murro. Red foi recuando, pela força brutal do impacto, até que, momentos depois,

sua cabeça bateu surdamente contra o tronco do carvalho, produzindo um som oco. Clarkson pensou que ele tinha fraturado o crânio, o que lhe facilitava as coisas. Notou também que Sammy, o segundo bandido, hesitava em apertar o gatilho, como se tivesse ordens de o levar vivo. E foi esse detalhe que fez Sammy perder a luta. Clarkson pulou para diante, com o revólver de Red empunhado, e acertou uma violenta pancada no rosto de Sammy. O pistoleiro gemeu alto e largou a arma. O rural não lhe deu tempo para refazer-se. Castigou-o duramente nos rins e de novo no rosto. Sammy caiu pesadamente, como um saco vazio.

— Muito bem, Sammy, levante-se — disse o rural, apontando o revólver para ele.

Aturdido, o pistoleiro olhou-o como se não entendesse.

— Vamos, em pé! Temos muito que conversar.

Sammy ergueu-se lentamente.

— O que é que...?

— Calma, Sammy. Você sabe o que vai lhe acontecer, se não responder a minhas pergun-

tas? Vou enforcá-lo. Isso mesmo. Um laço na ponta de uma corda e...

Sammy estava lívido. Sabia que os rurais eram duros, implacáveis.

— Sabe, tenho companheiros que seriam capazes de transportar você durante uma porção de milhas para o meter no xadrez. Mas não sou desse tipo. Você tentou matar um rural e merece a morte. Portanto, executo-o sumariamente e é tempo poupado.

— Você não pode fazer isso. Nós iamos levá-lo vivo.

— Por ordem de quem?

O apavorado Sammy balançou a cabeça em negativa.

— Muito bem, Sammy. Você quis assim.

O pistoleiro tinha sido desarmado e os revólveres de Clarkson haviam voltado aos coldres. Estendeu o braço para a sela de um dos cavalos e tirou uma corda de lá. Com movimentos hábeis, confeccionou um laço, com nó corrediço, e atirou-o sobre um galho da árvore.

— Não.

Aterrado, Sammy seguia os movimentos do

rural, sem coragem para mexer um só músculo do corpo.

— Sim, Sammy. Você não quer colaborar comigo e eu não vejo motivo para perder tempo.

Num gesto rápido, passou o laço pelo pescoço de Sammy, puxando levemente. O contacto da corda contra o pescoço do pistoleiro teve a virtude de o fazer compreender que o rural não estava brincando.

— Pare! Eu falo!

Clarkson sorriu e parou.

— Ótimo. Quem mandou vocês me pegarem?

— Foi Lloyd.

— Quem é Lloyd?

— Nosso chefe. Ele trabalha de acordo com Creviston e...

— Creviston? O do banco?

— Não. O filho dele. Norval Creviston.

— E foi esse Norval Creviston quem mandou me pegar?

— Foi.

— Tem certeza de que não há dois caras de nome Brenam metidos no assunto?

— Eu não conheço ninguém com esse nome. Juro!

— Está bem. Foram vocês que efetuaram o assalto ao banco, não?

O pistoleiro ficou silencioso e Clarkson deu um puxão na corda, arrancando um pedaço de pele do pescoço dele.

— Pare! Sim, fomos nós, seguindo as instruções de Norval.

— E mataram o velho Parrish...

— Não fui eu, juro! Eu fiquei na rua, vigiando. Lloyd e dois outros é que entraram. Foram eles!

— Acredito. Você é covarde demais para isso.

— Não fui eu... — gemeu o pistoleiro.

— Muito bem. Você disse que iam me levar vivo. Aonde?

— Ao acampamento.

— Quem está esperando?

— Lloyd, Pete e Sam.

— Ótimo. Vamos então.

— Aonde? — assustou-se mais ainda o pistoleiro.

— Nós tínhamos um encontro com Lloyd, não? Então não vamos fazê-lo esperar. Me conduza até lá.

— Eles me matarão!

Se não o fizer, serei eu quem o matará!

— Mas...

— Estamos perdendo tempo, Sammy. Monte! Não sei por que, mas simpatizo um pouco com você. Vai me levar até o acampamento e, depois de eu falar com seus companheiros, eu o meterei numa cela, em Cisco. Talvez a lei poupe sua vida.

Sammy montou contra vontade e, pouco depois, sempre preso pelo pescoço pelo laço de forca, guiou Clarkson até o acampamento de Lloyd Forbes.

CAPÍTULO SÉTIMO

Uma entrevista inesperada

Uma hora mais tarde, Clarkson puxou a corda que prendia o pescoço de Sammy.

— Espere, Sammy. Não quero que faça nenhuma bobagem. Devemos estar chegando, de forma que é melhor você me dizer exatamente onde fica esse acampamento.

— Quinhentos metros na frente. Entre aquelas pedras — e apontou para um maciço rochoso.

— Quantos estão lá?

— Três. Lloyd, Pete e Sam. Um deles deve estar de guarda, nas pedras.

— Ótimo. Bom, você fica aqui. Depois venho apanhá-lo. Desmonte.

O pistoleiro obedeceu. Clarkson estava esperando por ele no chão. Uma pancada violenta na testa atirou o bandido na inconsciência. Ficaria assim por algumas horas. Como medida de precaução, no entanto, o rural amarrou-o com a própria corda do laço corrediço, amordaçando-o com um lenço sujo que tirou do bolso dele.

— Se você morrer, será asfixiado pela sujeira do lenço, coiote — murmurou.

Deixou ali o bandido e avançou cautelosamente na direção do acampamento. A cerca de cinqüenta metros, deteve-se. Tinha acabado de avistar o clarão de uma fogueira. Olhou em volta, procurando o possível lugar onde se encontrava o guarda. Só havia um local onde ele poderia estar. Sobre umas pedras, à entrada da passagem que levava à clareira onde estavam acampados. Clarkson fez um rodeio silencioso e começou a escalar as pedras. Pouco depois, avistava o chapéu de um dos pistoleiros. Rastejando, aproximou-se. A cabeça do pistoleiro estava a menos de um metro agora. Segurou o revólver com firmeza e levantou-o. Nesse ins-

tante, o bandido voltou-se, assustado, e, vendo a arma no ar, pronta para se abater sobre sua cabeça, desviou-se para o lado. O cano do revólver acertou-lhe apenas de raspão num ombro. Em seguida, o vigilante rolou sobre si mesmo e sacou velozmente. Não havia outra alternativa. Clarkson apertou o gatilho no instante em que o bandido o fazia. As duas balas cruzaram-se no espaço. Porém, a do pistoleiro passou a escassos centímetros da cabeça do rural, enquanto a deste se enterrava na testa do marginal.

Os tiros alertaram Lloyd e o outro pistoleiro. As balas começaram a chover em volta de Clarkson, que se protegeu o melhor que pôde. Rastejando para a direita uns metros, assomou a cabeça. Seu movimento não tinha sido notado pelos pistoleiros, que continuavam atirando para o lugar onde ele estivera antes. Por isso, pôde assomar a cabeça. No mesmo instante, um dos pistoleiros avistou-o e mudou a direção dos tiros. Não lhe valeu de nada, porque uma bala certeira de Clarkson se enterrou em seu peito, mandando-o para a eternidade. O último bandido estava já atirando sobre o rural, que teve de proteger-se atrás das pedras. Ficou imóvel por um ou dois minutos. Quando se dispunha a ten-

tar novo ataque, os tiros cessaram e foram substituídos pelo galopar desenfreado de um cavalo, afastando-se.

Alan Clarkson ergueu-se lentamente, ainda não muito convencido de que não se tratava de uma armadilha. Pouco depois, sabia que não era. O último pistoleiro estava fugindo. Sem dúvida tratava-se do tal de Lloyd, pois os dois que abatera ali não tinham aspecto de chefes.

Cautelosamente, ainda, voltou ao lugar onde tinha deixado Sammy desacordado. Ainda não tinha recuperado os sentidos. O rural atirou-o sobre a sela, montou e, levando o cavalo de Sammy pela trilha, rumou de novo para a cidade.

* * *

A única pessoa que parecia feliz, naquela sala, era Brenam.

Norval estava pálido, abatido, de profundas olheiras e gestos nervosos. Creviston, enterrado numa poltrona, não tirava os olhos do filho. Parecia ter envelhecido dez anos nas últimas horas.

— Sabe que estou começando a gostar desta casa, Creviston? — falou Brenam.

O banqueiro não lhe ligou. Sua preocupação maior dirigia-se ao filho.

— Esta espera está começando a me deixar nervoso — sorriu Brenam.

— Não vai esperar muito mais — grunhiu Norval.

— Tem certeza? Já se passaram duas horas e esse tal sinal não aparece.

— Lloyd fará sua parte e me dará o sinal de que tudo está em ordem, que tem o rural em poder deles.

— Tem certeza mesmo?

— Claro. Eu vi quando ele mandou dois de seus homens para o hotel, para que esperassem Clarkson.

— Dois homens? — exclamou, assombrado, Brenam. — Você está louco?

— Por quê?

— Deviam ter ido os cinco. E, assim mesmo...

— Clarkson é apenas um homem.

— Você não o conhece, Norval. Do contrário, não teriam sido tão bestas. Clarkson é uma fera, um verdadeiro demônio.

— Os homens de Lloyd não são novatos. Eles saberão como apanhar o rural.

— Espero que sim, Norval. Do contrário, vocês vão se dar muito mal.

Norval não lhe respondeu. Estava olhando pela janela aberta, tentando avistar o sinal que Lloyd prometera. Começava a ficar preocupado com a demora.

Brenam acendeu um belo charuto, que tirou da caixa que se encontrava sobre um móvel, acendeu-o com prazer e murmurou:

— Você arrumou uma bela enrascada para seu pai, Norval.

— Ora, cale a boca! — explodiu o rapaz.

— Não gosto que fale assim comigo, rapazinho! Creio que você não teria dado esse passo, se fosse meu filho, sabe?

— Vá para o inferno!

O rapaz afastou-se da janela e Brenam voltou-se para Creviston.

— Admiro a calma com que você enfrentou a situação, Creviston. Na verdade, eu fui muito idiota. Primeiro, a confusão de nomes. Sabe, Creviston, para mim, era apenas você. Nunca pensei que seu filho... Bem, se eu tivesse sabido, tudo seria mais fácil. Teria obrigado Norval a me ocultar no rancho dele, até que Joe pudesse cavalgar. Mas agora não adianta mais. Só estou preocupado é com a besteira que esse Lloyd fez. Dois homens não vão ser suficientes para pegar Clarkson. E a prova é esse sinal, que não aparece.

— Você não já tem o que queria? Joe está se restabelecendo e logo poderá ir embora.

— Calma, Creviston. Me diga uma coisa: o que é que está pretendendo com tudo isto? Quero dizer, com esta atitude, uma vez que você nada tem a ver com o assalto?

— Você não entenderia.

— Tente me explicar. Não sou tão burro assim...

— Norval vai devolver esse dinheiro e, em seguida, desaparecer de Cisco e do Estado.

Brenam soltou uma gargalhada.

— E Lloyd vai concordar com isso? Pelo que sei, esse Lloyd é um profissional. Vai querer a parte dele no dinheiro roubado.

— Isso é problema meu — interveio Norval.

— Está bem, está bem, rapazinho. Não está mais aqui quem falou. Aliás, esse problema não me interessa mesmo. O que quero apenas é esse maldito rural e Joe restabelecido.

— Então cale a boca.

— Não me fale nesse tom! — quase gritou Brenam. — Detesto os berros.

Levantou-se e encaminhou-se para a janela. Norval seguiu-o. Brenam olhou a rua por instantes e, de repente, voltou-se, acertando uma bofetada, com as costas da mão, nos lábios de Norval, que começaram a sangrar. O rapaz recuou, limpando o sangue, olhando com ódio para o pistoleiro.

— Está vendo, rapazinho? Comigo, seria diferente.

— Você não passa de um miserável assassino! Ainda me paga!

— Calma, rapazinho! Calma! — disse ameaçadoramente Brenam.

— Parem com isso!

A voz de Creviston ecoou na sala, imperiosa.

— Está bem, Creviston. Creio que estamos nos deixando levar pelo nervosismo. Mas a culpa é desse maldito sinal, que não aparece. Já concordei em que o meu encontro com o rural fosse no acampamento de Lloyd. Mas creio que fiz uma besteira, confiando em vocês para me trazerem o rural.

— Vamos esperar mais um pouco. Brenam. Lloyd virá.

— Tomara que sim.

— Claro que virá. Bom, vou dar uma volta por aí. Talvez consiga saber alguma coisa — resolveu Norval.

— Acho uma boa idéia, rapazinho. Mas pense bem, antes de fazer alguma besteira. Não esqueça que meu filho Pat está lá também, en-

tre as pessoas. E que eu tenho aqui seu pai e sua irmã.

— Pode ficar tranqüilo, miserável. Sei reconhecer quando as cartas estão marcadas.

— Ótimo. Assim pouparemos desgostos para todos.

Norval suspirou. Por um momento, pensara que Brenam não o deixaria sair. Estava ficando sufocado, ali dentro. Deixou a casa rapidamente.

Creviston levantou-se da poltrona e encaminhou-se para a escada.

— Onde é que você vai, Creviston?

— Vou para o meu quarto. Não estou interessado no que possa acontecer. Sei como tudo vai terminar. Não me importa o caminho que as coisas tomem para se chegar lá.

— Está bem. Eu vou esperar seu filho, com as notícias.

CAPÍTULO OITAVO

Um puma na noite

Lorna Creviston estava na cozinha. Abriu a porta e imediatamente um vulto se meteu por ela. Pouco depois, os dois estavam estreitamente abraçados, beijando-se com paixão.

— O que aconteceu, Lloyd? — perguntou a garota, quando se separaram.

Lloyd Forbes tinha trinta anos, era alto, forte, atraente, com os cabelos negros e os olhos escuros. Um fino bigode encimava-lhe o lábio fino, sensual. Usava roupas negras e dois revólveres de coronhas de marfim. Tinha o chapéu, também preto, com enfeites de prata, puxado para a nuca.

— Esse maldito rural está estragando tudo.

— Ele matou seus dois homens? Norval me contou tudo e que você tinha mandado Red e Sammy pegarem o rural, para entregá-lo a Brenam.

— É. Foi isso. Acontece que esse rural não é um homem. É uma verdadeira fera. Não sei o que Brenam terá feito para que mandassem uma autêntica fúria atrás dele. Matou todos os meus homens, Lorna! Dos cinco que fizeram o trabalho do banco, só resta eu.

— Meu Deus! O que vamos fazer?

— Vim buscar você.

— Me buscar?

— Claro. Vamos fugir daqui. Aí fora tenho os cavalos, com sessenta mil dólares.

— Mas, assim...

— Não tínhamos planejado ir embora, não é? Mas as coisas mudaram, Lorna.

— Mas eu não posso ir embora, assim... Meu pai...

— Esqueça seu pai, Lorna.

— Lloyd, nós tínhamos combinado que você iria embora com a sua parte do dinheiro, voltaria daqui a um ou dois meses, com vinte e cinco mil dólares, compraria um rancho e então nada impediria que eu me apaixonasse oficialmente por você.

— Mas tudo mudou, Lorna. Esses Brenam estragaram tudo. Norval teve que confessar. Seu pai está ao corrente de toda a situação e quer obrigar Norval a devolver todo o dinheiro. Não entende?

— Entendo, sim...

— Então o que estamos esperando? Esse rural deve estar já galopando para cá.

— Não... não posso, Lloyd...

— E seu amor por mim?

— Não duvide dele, Lloyd. Eu o amo loucamente. Não saberia viver sem você.

— Então arrume suas coisas e vamos embora.

Nesse momento, a porta abriu-se e Norval entrou. Vinha excitado.

— O que é que você está fazendo aqui, Lloyd?

— Tudo correu mal, Norval. Esse maldito rural acabou com todos os meus homens. Só escapei eu e, assim mesmo, porque fugi. Mas ele está vindo para cá. Provavelmente já sabe de tudo, pois algum dos rapazes pode ter falado. De outra forma, ele não apareceria no acampamento. Vivo e livre!

— Espere, Lloyd. Não perca a cabeça. Afinal, estamos nesta enrascada por sua culpa.

— Por minha culpa? Não esqueça que quem deu as informações todas para o assalto foi você e sua irmã.

— Maldita a hora em que você apareceu em meu rancho, ferido, Lloyd. E logo Lorna tinha que estar lá, para se apiedar de você e, em seguida, se apaixonar...

— Calma, Norval! Vá com calma!

— Calma coisa nenhuma! Se você não tivesse aparecido, ou se eu tivesse acabado com você, nada disto teria acontecido.

— Não fale desse jeito, Norval — exclamou a garota.

— Como não falar desse jeito? Não foram nem capazes de pegar o rural.

— Não tenho culpa, se mandaram um demônio atrás desses Brenam...

— Bom, temos uma chance de acabar com eles, agora. Preciso que você me ajude, Lloyd.

— A liquidar os Brenam?

— Isso mesmo.

— Para quê? Para livrar a sua cara e a de seu pai?

— E para nós podermos resolver esta maldita situação!

— Não conte comigo!

— Está com medo?

— Cale-se, Norval!

— Lorna, você não entende que é a chance de nos livrarmos desse pesadelo que são os Brenam? Depois poderemos resolver mais calmamente o que fazer.

Lloyd respirou com força.

— Está bem. Qual é o seu plano?

— A arma de Brenam para nos manter quietos era um tal filho, chamado Pat, que estaria na cidade, vigiando a casa, pronto para contar ao xerife tudo sobre o assalto.

— Sei disso.

— Bom, eu dei uma volta por aí e falei com o xerife. Sem ele perceber, levei-o a falar do rural. E então imagina o que me disse.

— Fale de uma vez! — explodiu Lloyd.

— O rural vinha perseguindo os Brenam, o pai e os dois filhos, desde Abilene. Encontrou-os no deserto e matou Pat, ferindo também Joe. Brenam e o filho ferido conseguiram fugir e chegaaté aqui.

— Então quer dizer que...?

— Exato. Brenam está blefando. O filho Pat morreu e foi enterrado pelo rural, no deserto. Isso quer dizer que não há mais Brenam, nenhum, além dos que estão aqui em casa. E Joe está ferido, no quarto de Lorna.

— O que vamos fazer?

— Escutem...

* * *

Lorna estava junto da janela do quarto. Joe dormia, ou fingia dormir.

— Boneca — disse ele, por fim, abrindo os olhos.

Ela voltou-se.

— O que é que você quer?

— Venha aqui.

A garota estremeceu. Tentara abrir a janela, sem que ele pressentisse, e ainda não conseguira. Virou-se de novo para a janela e seus dedos fecharam-se em volta do trinco.

— O que é que você quer, Joe?

Um movimento mais brusco e o trinco abriu-se.

— O que é que está fazendo?

— Nada. O que deseja?

— Venha aqui.

Tremendo, a garota aproximou-se.

— Me acenda um cigarro.

Dominando o asco, a garota enrolou um cigarro para Joe, metendo-o entre os lábios dele. Riscou um fósforo e acendeu o cigarro.

— Você está muito gentil hoje, boneca. O que é que há? Está começando a gostar de Joe Brenam?

— Quem sabe?

— Tão depressa assim? Eu ainda nada fiz para isso.

— Se eu lhe fizer uma pergunta, você responde, Joe?

— Depende.

— O que é que meu pai fez, para vocês o estarem pressionando?

— Hum... A curiosidade está chegando agora, hem? Acha mesmo que vou lhe contar, assim de graça?

Lorna estremeceu. Era evidente que o bandido queria alguma coisa em troca. Não que ela se interessasse pela informação dele. Sabia muito bem o que estava acontecendo. Porém,

Joe tinha um revólver embaixo do travesseiro e ela precisava apoderar-se dele. Aproximou-se e sentou-se na cadeira, junto da cabeça dele.

— O que é que você quer em troca? — perguntou, insinuante.

— O que é que você acha?

Controlando-se com dificuldade, a garota inclinou-se e pousou os lábios nos do ferido. Joe apertou-a com força, jogando o cigarro para longe. O sangue fervia em suas veias, ao contacto do corpo quente de Lorna. Por um instante, esqueceu-se de todas as precauções, enquanto a mão direita de Lorna percorria seu corpo, acariciando o membro viril, sobre a coberta. A mão dele fechou-se freneticamente sobre o seio generoso. Lorna estava quase desfalecendo de nojo. Porém, tinha que desempenhar seu papel. Seus dedos foram subindo até a nuca do pistoleiro. Depois, muito lentamente, introduziram-se debaixo do travesseiro, enquanto se esforçava para aumentar a intensidade do beijo. Joe não podia compreender nada. Os dedos de Lorna estavam fechados sobre a coronha do revólver. De repente, endireitou-se, já empunhando a arma com firmeza. Descarregou um golpe seco, brutal, nos lábios do pistoleiro.

— Quer mais beijos? Tome beijos, nojento! Quer carícias? Monstro! Porco!

E golpeava cegamente a boca que fora obrigada a beijar. Joe reagiu, afastando-a com um movimento brusco. A garota recuou até a parede. Joe, lívido de raiva, soergueu-se. Estrangularia aquela víbora com suas próprias mãos. Nesse momento, porém, uma espécie de puma saltou da janela, empunhando uma faca. A lâmina afiada cravou-se duas vezes, profundamente, no peito do canalha. O segundo golpe, porém, era desnecessário. O primeiro tinha-lhe atravessado o coração.

— Oh, Lloyd! — gemeu a garota, soltando o revólver. — Pensei que você não ia chegar a tempo...

CAPÍTULO NONO

Rebate de consciência

Norval entrou na sala, mansamente. Brenam voltou-se, com expressão interrogativa.

— Então? Conseguiu saber alguma coisa?

Displicentemente, Norval deixou-se cair numa cadeira.

— Muitas coisas, Brenam. E interessantes.

O bandido franziu a testa.

— Não estou gostando da maneira como está falando, Norval.

— Problema seu, Brenam.

— O que é que está havendo?

— Coisas que eu descobri, já lhe disse.

— O que é que você descobriu, miserável?

— Calma, Brenam. Não se enerve.

O pistoleiro estava começando a ficar assustado. Aquele procedimento não era normal no rapaz.

— Vamos por partes, Norval. Lloyd e seus homens pegaram o rural?

— Não, Brenam.

— Eu sabia que esses imbecis...

— O rural liquidou quatro dos homens do bando de Lloyd. Para falar a verdade, sobrou apenas o próprio Lloyd Forbes.

— Imbecis! Cretinos!

— Mas não foi apenas isso que eu soube. Estive falando com o xerife...

— Não acredito que você nos denunciasse, Norval — riu Brenam. — Isso era o mesmo que nos convidar a contar ao xerife tudo sobre o assalto ao banco.

— Não. Eu nem falei no seu nome ao xerife, Brenam. Ele, sim. Ele é que falou em você...

Brenam empalideceu.

— O que é que ele disse?

— Sabe, ele falou com o rural, sobre vocês.

— Conte tudo de uma maldita vez, idiota! Basta um sinal meu e Pat, lá de fora, correrá a botar a boca no mundo sobre...

— Cale a boca, Brenam! Chega de palhaçada. Seu filho Pat, diz você? Ora, deixe de besteira! Você nem sequer sabe onde é que o rural enterrou seu filho!

Brenam ficou calado por instante, os olhos ardendo de ódio.

— Descobriu então, hem? E acha que isso vai resolver seu problema? Engano seu.

— A situação inverteu-se agora, Brenam. Você não tem mais poder algum sobre nós. Podemos até nem o deixar sair daqui... vivo!

— Não seja idiota. Tiros nesta casa atrairiam a atenção do xerife. E ele ficaria sabendo o que aconteceu realmente no banco.

— Se ele chegasse com vocês vivos ainda...

— Somos dois. Eu estou aqui, Joe está lá em cima. E sua irmã está nas mãos dele.

— Experimente fazer alguma coisa, Brenam.

A tranqüilidade de Norval é que estava preocupando mais o bandido.

— Não pense que vai se livrar de nós com tanta facilidade, Norval.

— Você não conta mais, Brenam. Vai acabar do jeito que todos os assassinos acabam.

Brenam voltou-se, furioso. Desceu a mão para o revólver, velozmente, sacando. Nesse instante, uma faca silvou, cortando os ares, enterrando-se profundamente nas costas de Brenam. Abriu muito os olhos e a boca, soltou o revólver e foi caindo lentamente para o chão atapetado. Quando se imobilizou, apenas o cabo da faca aparecia em suas costas. Lloyd Forbes e Lorna entraram na sala.

— Bom trabalho, Lloyd.

— Claro. Todo o trabalho sujo é para mim...

— O que é que você queria? Você é um

assassino profissional. Sempre matou por prazer, por dinheiro.

— Não fale assim, Norval. Eu e Lloyd nos amamos!

— Para desgraça sua, Lorna. Porque esse amor não pode continuar.

— O que é que você está dizendo?

— Nós vamos devolver esse dinheiro ao banco. Inteiro. Logo eu farei a vontade a papai e partirei de Cisco e da região. Mas papai não pode ficar sozinho. Ele vai precisar de você.

— Não, Norval — sorriu misteriosamente Lloyd Forbes. — Não vai fazer nada disso. Se você quiser, pode devolver sua parte no dinheiro. Mas a minha parte eu a levarei. Já matei gente demais nesta cidade para sair daqui com as mãos vazias.

— Você começou a matar porque quis. Precisava matar o velho Parrish?

— Era preciso! Ele daria o alarma!

— Poderia impedi-lo, com uma só pancada na cabeça. Mas não! Você é um assassino! Descarregou golpe atrás de golpe, até lhe destruir

o crânio. É com um homem desses que você quer fugir, Lorna?

— Cale-se, Norval!

— Estou apenas falando a verdade. Você, Lloyd, não presta! Vai me entregar esse dinheiro, integral, para eu devolver ao banco. Papai tem razão. Não é justo que se destrua o nome dele por causa de uma ambição louca, insensata. Jamais deveria ter dado ouvidos a Lorna e a você.

— O que é isso? Sermão de moral?

— Não, Lloyd. Eu sei que sou um canalha também. Não presto mais do que você. Mas tenho a hombridade de reconhecer quando estou cometendo uma canalhada. E, desta vez, estou disposto a repará-la.

— Não com o meu dinheiro!

— Tem certeza? Você devolve esse dinheiro e some da região, Lloyd. Ficará impune pelos crimes que cometeu. Já é paga bastante para um assassino como você.

— Chega de conversa, Norval! Você perdeu a razão.

— Não perdi, não. Lorna, você tem que ficar com o velho, aqui. Pelo menos, ele não sabe quem você é na realidade. Tente ajudá-lo a esquecer tudo isto.

— Não, Norval! — exclamou a garota. — Não posso ficar. Meu lugar é ao lado de Lloyd. Você não pode entender!

— Não posso entender, nem quero. Esse dinheiro jamais sairá de Cisco. Quem vai sair sou eu e Lloyd. Mas cada um para seu lado.

Lloyd estava começando a perder a paciência.

— Escute aqui, Norval. Você e sua irmã me meteram nisto, planejando o assalto. Não vou desistir agora. Tive que ir a Abilene recrutar homens... que já morreram, o que não deixa de ser uma vantagem. Você vai parar com essa besteira agora mesmo. Lá fora tenho os cavalos, com os sessenta mil dólares. Os Brenam não existem mais. Portanto, vamos dividir o dinheiro e sair daqui. Esse maldito rural está chegando.

— E meu pai? Já pensou nele, assassino?

— E você? Pensou nele quando me meteu nisto?

— Estou pensando agora. Ainda não é tarde demais. A não ser para o infeliz Parrish.

— Seu pai nunca será prejudicado, Norval. Ninguém saberá de nada. Podemos nos mandar com esse dinheiro. Lorna virá comigo.

— Você não conhece meu pai, Lloyd. Assim que eu sair desta casa, ele irá ao escritório do xerife e contará tudo o que aconteceu. É um procedimento de gente honesta. Claro que você não pode entender isso...

Lloyd suspirou.

— Eu vou embora, Norval. Levarei o dinheiro comigo e Lorna. Se você não quiser vir, é problema seu.

Ia voltar-se para a saída, quando o ruído característico do engatilhar de um revólver o fez voltar-se velozmente. Norval estava apontando a arma para ele, firmemente.

— Tentei evitar isto, Lloyd. Mas você não quis entender. Não vai sair para lugar nenhum.

CAPÍTULO DÉCIMO

Desejo tardio

— Norval! — exclamou Lorna. — O que é que você vai fazer?

— Fique, Lorna. Vou fazer-lhe um favor.

— Norval — grunhiu Lloyd. — Não faça nenhuma besteira, de que vai se arrepender.

— Tentei evitar isso, Lloyd. Mas você me obrigou. Vou matá-lo, entregar o dinheiro para meu pai e partirei daqui, para sempre!

Lorna estava angustiada, torcendo as mãos. Norval não podia matar Lloyd! Não agora!

— Pare, Norval!

— Não se meta, Lorna!

Lloyd tentou aproveitar aquele momento em que o rapaz se distraiu uma fração de segundo com a irmã. Desceu as mãos velozmente para os coldres, sacando o revólver. Chegou a levá-lo até quase a horizontal. Porém, Norval sabia do que ele era capaz e também não era um novato com as armas. Só teve que apertar o gatilho duas vezes, antes que Lloyd pudesse fazer o mesmo. As duas balas enterraram-se no peito do pistoleiro, que se dobrou para a frente, começando a cair lentamente. Com os olhos desmesuradamente abertos, estendeu o braço na direção de Lorna, como se quisesse agarrar-se a ela, para não cair.

— Lloyd!

Lorna correu para o pistoleiro, não podendo evitar que ele batesse contra o chão, perto do cadáver de Brenam. Atirou-se sobre ele, soluçando. Lloyd estava morto.

— Assassino! Assassino! — gritou para Norval.

O rapaz inclinou a cabeça. Nesse momento, descendo as escadas precipitadamente, apareceu

Creviston. Vinha pálido, como se não agüentasse mais a angústia dos momentos que estava vivendo.

— O que aconteceu aqui?

Norval ergueu a cabeça e encarou o pai.

— Está tudo bem agora, papai. Os Brenam não poderão mais incomodá-lo. Lloyd os matou.

— Quem é esse homem? — Creviston apontou para o pistoleiro, a quem Lorna continuava abraçando, em prantos.

— Lloyd Forbes. Não quis aceitar minha idéia de devolver o dinheiro e fugir enquanto era tempo. Tive que o matar.

— E o que significa isso? Sua irmã abraçada a ele?

Creviston tinha medo de ouvir a verdade.

— Eu lhe disse, papai, que a verdade era mais desagradável do que você pensava.

— Quer dizer que...?

— Lloyd e Lorna eram amantes, papai. Há muito tempo. Desde que ele apareceu em meu

rancho, ferido, e eu não acabei com ele. Lorna estava lá, teve pena dele, me forçou a ajudá-lo e... Bom, apaixonou-se cegamente por ele.

— Meu Deus! Não perco apenas um filho! Perco os dois!

— Não, papai. Eu vou embora, como você mandou. Pegarei o dinheiro, que está no pátio, no cavalo de Lloyd, e o devolverei. Depois, vou embora. Lorna fica. Vocês dois podem ser felizes ainda.

— Nunca! — gritou Lorna, levantando-se.

Creviston, sem forças para reagir, olhou a filha.

— Nunca, assassino! Você não devia ter matado Lloyd! Não podia, entende?

A terrível verdade penetrou finalmente na cabeça dos dois homens. Foi Creviston quem balbuciou:

— Quer dizer que você...?

— Sim, papai! Ainda que isso custe muito a sua honestidade e retidão, eu estou esperando um filho! Um filho de Lloyd Forbes, um assassino e pistoleiro. Você vai ter um neto, filho de um assassino! E seu próprio filho também é assassino!

O velho banqueiro deixou-se cair na poltrona.

— Por quê, Lorna? Por que tanto ódio, tanta maldade?

— Não sei, papai! Mas é a verdade. Eu não ficarei aqui! Irei embora! Fique com seu dinheiro, sua honestidade!

A garota deixou-se cair numa cadeira e rompeu em soluços.

— Papai, vou pegar o dinheiro. Depois partirei. Fale com ela. Faça-a mudar de idéia. Ela precisa de você.

— Vá, Norval. Fuja enquanto pode. E tente ser um homem!

Era tudo o que o velho Creviston podia dizer. Não tinha forças nem coragem para falar mais nada.

Norval assentiu com a cabeça, meteu o revólver no coldre e encaminhou-se para a saída. Chegou no pátio e olhou em volta. Ali estavam os dois cavalos, um para Lloyd, outro para Lorna. Aproximou-se deles e começou a remexer nos alforjes. Nesse momento, uma voz grave soou atrás dele:

— Está procurando sessenta mil dólares, Norval?

O rapaz voltou-se como se tivesse sido picado por uma serpente. Diante dele, com um sorriso trocista nos labábios finos, estava Mulcahy, o xerife de Cisco.

— Mulcahy...

— Eu mesmo, Norval. Sua carreira chegou ao fim. Esse dinheiro voltará para o banco. O nome do seu pai não será manchado.

— Pare, Mulcahy...

Norval pensou rapidamente. Não podia deixar-se apanhar agora. De repente, sentiu uma vontade enorme de ser diferente, de ser um homem, como o pai queria. Se Mulcahy o pegasse, nada disso seria possível. E o nome dos Creviston seria envolvido mais uma vez. Só lhe restava uma coisa a fazer. Tinha um alforje na mão. Mulcahy inclinou-se um pouco para o chão, apanhando o outro alforje, onde estavam os sessenta mil dólares. Era o momento. Norval atirou o alforje contra o xerife, com força. Apanhado de surpresa, Mulcahy perdeu o equilíbrio, caindo de costas. Norval saltou para trás,

olhou em volta e começou a correr. Precisava chegar à rua. Aí poderia despistar o xerife, roubar um cavalo e fugir. Estava perto do portão, quando sentiu um objeto duro, metálico, encostando-se em seus rins.

— Pare, Norval! Chega de besteiras.

Voltou-se. Diante dele estava um homem alto, com feições duras, como que talhadas em granito. No peito, ostentava uma estrela de cinco pontas.

— O rural...

— Exato, Norval. Alan Clarkson, rural do Texas. Você está preso, rapaz. Não adianta continuar fazendo bobagens.

Norval viu tudo vermelho. Agora que se encontrava a um passo da liberdade... Queria ser um homem diferente, queria ser honesto como o pai. Mas não o poderia ser, se deixasse que o rural o prendesse. Desceu as mãos velozmente para o revólver, sacou e apertou o gatilho. A bala roçou o rosto de Clarkson, que se deixara cair para trás. Não queria que as coisas acabassem daquele jeito. Mas, naquele instante, tratava-se simplesmente de defender sua vida.

Apertou o gatilho duas vezes. Norval havia disparado já a segunda bala, que queimou a perna de Clarkson, rasgando as calças. Felizmente foi apenas um arranhão. Já suas duas balas não produziram um efeito tão inofensivo. Uma delas cravou-se no peito de Norval, atirando-o para trás. A segunda atravessou-lhe limpamente a garganta. Dobrado num ângulo grotesco, o rapaz bateu contra o portão, que cedeu ao seu peso, caindo na rua. Estava onde tinha querido chegar...

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

O grande culpado

— Tudo em ordem por aí, Clarkson? — perguntou o xerife, aproximando-se.

O rural estava arrastando o cadáver de Norval para dentro.

— Tudo acabado, Mulcahy. Palavra que não desejei que terminasse assim. Mas ele não me deixou outra saída.

— Compreendo. Vamos para dentro. Creviston está em casa.

Entraram na casa. Creviston continuava enterrado na poltrona, o rosto coberto com as mãos. Os cabelos em desalinho estavam com-

pletamente brancos. Lorna, apática, permanecia sentada na cadeira, o olhar vago, perdido na distância.

— Creviston — falou Mulcahy. — Este é Alan Clarkson, rural do Texas.

Creviston levantou o rosto lentamente.

— Meu filho?

— Sinto muito, Creviston — interveio o rural. — Norval tentou me matar. Disparou dois tiros contra mim. Só conseguiu me ferir. Não tive outro remédio senão atirar nele. Está morto.

O velho banqueiro deixou cair a cabeça para o peito. Era golpe atrás de golpe.

— O dinheiro está aqui, Creviston. Pelo menos, recuperamos isso e podemos poupar seu nome.

A voz de Mulcahy havia-se suavizado. Compreendia o que aquele homem, orgulhoso de sua honestidade, estava passando.

— Obrigado, Mulcahy — murmurou o banqueiro.

O rural avançou até o meio da sala. Parecia um juiz, severo, intransigente.

— Você cometeu muitos erros, Creviston. E é o único culpado deste trágico final.

— Não entendo.

— Sua obstinação em preservar um nome honesto arrastou-o ao limite da estupidez. O que acha que as pessoas vão dizer agora?

— Não me interessa mais.

— Mas eu vou lhe dizer. Murmurarão: *Ali vai Creviston... Coitado!*

O banqueiro levantou a cabeça.

— O que queria que dissessem?

— Se você, quando Brenam começou sua chantagem, tivesse recorrido imediatamente ao xerife, contando toda a verdade, os Brenam seriam apanhados, bem como Lloyd e seus pistoleiros. E Norval também, é claro. Mas seu filho não tomou parte ativa no assalto. Pegaria uns dez anos de cadeia, no máximo. Ele nunca soube pensar. Mas dez anos de prisão obrigam qualquer homem a aprender a usar a cabeça. E você ficaria fortalecido em seu prestígio, em sua honestidade. Todo mundo diria: *Ali vai Creviston! Um homem tão honesto e íntegro que não hesitou em denunciar o próprio*

filho, em benefício da justiça! Em vez de piedade, sentiriam admiração por você.

Creviston pestanejou. O rural tinha razão. Comportara-se muito mal em todo aquele maldito assunto. E, em vez de dez anos de reclusão, Norval estava agora morto, com toda uma eternidade sem poder aprender a pensar.

— O que é que vai fazer, Clarkson? Vai me prender por cumplicidade com os Brenam?

— Não. Você estava sendo chantageado. O máximo que poderia fazer contra você era prendê-lo por ocultação de provas e impedimento da lei.

— É isso que vai fazer?

— Não. Nem isso.

— Então?

— Você já foi castigado o bastante. Já sofreu o suficiente, com a perda de seus dois filhos. Norval, morto. Lorna...

Voltou-se para ela. A garota parecia estar recobrando-se da apatia em que mergulhara.

— Prenda-me, rural — disse, avançando os pulsos na direção dele.

— Não seja idiota, garota!

— Eu fui a mandante do assalto. Eu é que dei as instruções, todas as informações sobre o banco a Lloyd. Praticamente obriguei meu irmão a entrar nisto. Prenda-me.

— O que é que está querendo? Afundar mais ainda seu pai?

— Prenda-me! — gritou a garota.

— Seu pai já foi tratado com a dureza necessária. Chega por agora. Tente ajudá-lo.

— Mas eu sou uma criminosa. E terei um filho de um assassino.

— Essa criança não tem culpa da estupidez da mãe.

— Ele nascerá na prisão. Será bem tratado e...

— Lorna! — exclamou Creviston. — Vá para seu quarto. Depois conversaremos.

Lorna sorriu com amargura.

— Meu quarto... Nem isso eu tenho mais, nesta casa. Joe Brenam está lá.

Creviston levantou-se bruscamente. Não se lembrara mais de Joe.

— Ele... ele pode tentar alguma coisa...

— Não, pai. Joe Brenam está morto. Lloyd o matou também. E eu ajudei!

— Lorna!

— Por que se escandaliza, pai? Eu sou uma perdida, não ignore. Sou a mulher que vai ter um filho de um assassino, de um matador profissional. E Joe queria meu corpo. E o teria, pela força, se Lloyd não houvesse intervindo. De certa forma, esse assassino, esse matador profissional, salvou a vida de sua filha, papai. E de seu neto.

A crueldade, a dureza, nas palavras de Lorna, eram um claro indício da forma em que ela se encontrava, à beira de uma crise de histeria.

— Bem, Creviston, o dinheiro fica com você. Entregue-o. Coloque-o de volta no banco e informe seus clientes e seus superiores em Austin. Tudo o mais, nesta casa, cheira a podre — o rural voltou-se para a saída.

— O que fazemos com os corpos? — perguntou Mulcahy.

— Sim, os corpos... — murmurou Clarkson. — Carregue os de Norval e de Lloyd. Eu levarei os dos Brenam.

Subiu ao quarto que fora de Lorna e arrastou o cadáver ensangüentado de Joe pelas escadas. Levou-o até o pátio e atravessou-o na sela de um cavalo. Depois fez o mesmo com o do pai e saiu da casa de Creviston. Voltaria a Abilene com os corpos dos coiotes que perseguia. Tinha cumprido a missão.

Já adiante do escritório do xerife, encontrou Mulcahy, arrastando o outro cavalo, com os cadáveres de Lloyd e Norval. Mudou de idéia sobre os dos Brenam.

— Mulcahy, mande enterrar os Brenam, junto com Lloyd e Norval. Afinal, eram todos iguais, de uma maneira ou de outra.

Deixou o cavalo ali, com os cadáveres, e foi para o hotel. Trocou de roupa, lavou-se, barbeou-se e voltou a sair. Ainda não acabara tudo o que tinha para fazer em Cisco. E Alan Clarkson não era homem que gostasse de fazer as coisas pela metade...

EPÍLOGO

O homem atravessou a rua, dobrado para a frente, como se um peso enorme se abatesse sobre suas costas. Aparentava uns sessenta anos, apesar de não ter ultrapassado ainda o meio século de existência. Tinha os poucos cabelos completamente brancos, os olhos encovados e com profundas manchas violáceas em volta deles. Os braços, caídos ao longo do corpo, pareciam pedaços de carne, independentes do corpo. Numa das mãos carregava um alforje. Arrastava os pés, como se não tivesse forças para os levantar do chão.

— Bom-dia, *mister* Creviston — cumprimentou um vaqueiro.

Creviston não respondeu. Na verdade, nem sequer tinha ouvido. Entrou no banco e, sem cor-

responder às saudações apagadas dos empregados, meteu-se no escritório. Chamou o gerente e, com um gesto vago, apontou o alforje que estava sobre a mesa.

— Estão aí os sessenta mil dólares, Greg. Meta-os no cofre. O xerife e um rural que está na cidade recuperaram o dinheiro ontem à noite. Mataram todos os assaltantes e implicados.

— Muito bem, *mister* Creviston. Mais alguma ordem?

— Depois de colocar o dinheiro na caixa forte, volte aqui, Greg. Quero que seja testemunha de minha renúncia.

— Sua renúncia?

— Exato, Greg. Deixo hoje o cargo de diretor do banco. Você me substituirá. Vou elaborar um relatório completo sobre o assalto e tudo o mais, recomendando seu nome para assumir a direção.

— Não deve fazer isso, *mister* Creviston. O dinheiro, afinal, está de volta ao banco, nada se perdeu, além, infelizmente, da vida do pobre Parrish. Mas os assaltantes já pagaram esse crime com a vida.

— Para mim, tudo se perdeu, Greg. Na verdade, perdi dois filhos, minha honra, meu orgu-

lho, tudo o que mais estimava. Não adianta ficar aqui.

— O que vai fazer, *mister* Creviston? — perguntou o gerente, alarmado.

— Por enquanto, ficarei no rancho de Norval. Tentarei esquecer tudo. Depois, o tempo dirá. Talvez fique por lá, até o fim. Ou parta para longe.

O gerente não falou mais. Achava que não valia a pena. Sabia reconhecer um homem acabado, vencido. E Creviston era um bom exemplo disso.

Duas horas mais tarde, Creviston saiu do banco, montou um cavalo e, a passo, deixou a cidade. Lorna tinha feito o mesmo horas antes. Só que ela não se dirigia para o rancho de Norval. Deixava tudo para trás, incluindo o pai. Seria o que o destino determinasse. Mas Creviston tinha esperanças de que um dia ela voltaria. Ficaria esperando no rancho de Norval, até esse dia. Talvez ainda fosse possível morrer em paz, junto da filha e do neto.

Greg Morris, o novo diretor do banco, ficou na porta do estabelecimento, olhando a sombra que se perdia no final da rua. Balançou a cabeça tristemente, antes de voltar a entrar no banco e ocupar seu novo posto, murmurando:

— Ali vai Creviston. Um homem derrotado! Pobre infeliz!

* * *

Alan Clarkson entrou no escritório de Mulcahy, sorridente:

— Tudo sob controle, xerife?

— Tudo, sim. Os corpos foram enterrados às primeiras horas do dia. Foram momentos de muito trabalho para o coveiro. Sammy confessou tudo de novo e vou chamá-lo para Abilene, onde será julgado.

— Parece que está tudo terminado, hem?

— Terminou, sim. Lorna foi embora de Cisco. Não quis ficar com o pai. Creviston pediu demissão do banco e foi viver no rancho. Diz que prefere ficar longe de tudo e de todos.

— É compreensível. O destino foi muito duro com ele.

— Concordo. É verdade! Chegou um telegrama para você, de Fort Worth.

Estendeu um envelope amarelo ao rural, que o rasgou e leu, com um sorriso. Depois entregou-o a Mulcahy, que leu também.

Resolva caso assalto banco CiscoPT Mas não volte sem resolver caso BrenamPT Fa-

miliares e amigos do rural morto por eles exigem justiçaPT Boa sorte

Capitão Hall

— Isso me lembra que tenho de mandar um telegrama para o quartel-general. Até mais ver, xerife.

Sem esperar resposta, saiu dali, dirigindo-se ao escritório dos telégrafos. Pegou um impresso e escreveu:

Dupla missão cumpridaPT Assalto resolvidoPT Dinheiro recuperadoPT Assaltantes mortosPT Três Brenam mortosPT Enterrados CiscoPT Peço dois dias de folgaPT Assunto pessoal

Tenente Clarkson

Sorrindo, entregou o telegrama ao telegrafista e saiu do escritório dos correios.

Estava agora em frente do armazém geral de Magnus. Contou as casas, apesar de saber exatamente onde se encontrava a que lhe interessava. Uma, duas, três. Dirigiu para lá os seus passos, batendo de leve com os nós dos dedos. Belle Parrish demorou trinta segundos para abrir.

— Alan... Entre.

O rural entrou e franziu a testa. Na sala, no chão havia duas maletas.

— O que é isso? Você vai partir?

— Vou. Não faz mais sentido ficar aqui, em Cisco. Tudo é muito triste, para mim.

— Para onde vai?

— Ainda não sei.

— Posso dar uma sugestão?

— Pode. Se acha que é bom para mim...

— Você é quem vai decidir.

— Diga, então, para onde devo ir.

— Conhece Fort Worth?

— Não. Nunca estive lá. É uma cidade bonita?

— Horrorosa. Na verdade, não sei bem se aquilo é uma cidade mesmo.

— E acha que é para lá que eu devo ir?

— Acho, sim.

— Serei feliz, ali? Tem um armazém, ranchos, coisas assim?

— Tem, sim. E, além disso, tem um quartel de rurais do Texas. O quartel-general, sob o comando do Capitão Hall e vice-comando do Tenente Alan Clarkson...

— Devo entender que está me convidando para ir com você?

Como resposta, o rural atraiu-a para si, beijando-a com intensidade.

— Isso responde a sua pergunta?

— Totalmente, amor.

— Em Cisco deve existir um pastor, um juiz de paz, qualquer pessoa desse gênero, não?

— Juiz, não. Quem precisa dos serviços de um magistrado, vai a Abilene. Mas temos aqui um pastor. O reverendo McCall...

— Acha que ele está em casa agora?

— Sem dúvida. Nunca sai.

— Então vamos lá. Quero que uma certa garota de olhos lindos seja a senhora Clarkson dentro de cinco minutos.

Ela atirou-se ao pescoço dele, beijando-o loucamente.

— Para que a pressa, amor? O reverendo nunca sai, eu disse. Essa sua vontade pode ser cumprida, mas dentro de mais algum tempo. Agora vamos almoçar. Preparei uma comida especial para nossa despedida de Cisco.

— E como sabia que eu vinha aqui?

— Por que acha que eu estava com as malas prontas, esperando aqui, na sala?

A risada que a garota soltou foi interrompida pelo beijo ávido, sedento, de Clarkson. Belle cor-

respondeu com ardor e não opôs resistência, quando as mãos dele começaram a acariciá-la, excitando-a.

Uma hora depois, almoçando, Alan Clarkson pensava no que diriam seus companheiros, no quartel-general, quando o vissem chegar, casado. Murmurariam, tentando fazer piadinhas mordazes. Mas, no fundo, sentiriam inveja. Porque Belle era uma mulher capaz de virar a cabeça de qualquer homem. De qualquer maneira, ele estava pouco ligando para o que dissessem.

— Para o inferno, todos eles! — exclamou em voz alta.

— O que é que você disse? — estranhou Belle.

— Nada, nada. Estava pensando em meus companheiros de Fort Worth.

Ela deve ter entendido, porque estalou numa gargalhada sonora, cristalina, que ele seguiu com vontade.

F I M

A seguir: Uma canalhada assim só merecia o perdão... depois da morte. VINGANÇA TARDIA. Não perca!

A **EDITORA MONTERREY** também pode lhe oferecer os livros de sucesso das melhores editoras do Brasil: **ANTENA, AO LIVRO TÉCNICO, BETA, CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, JOSÉ OLYMPIO, RECORD** e **SARAIVA**, com os seguintes temas:

- Formação do Magistério — Direito
- Administração, Economia e Ciências Contábeis
- Engenharia, Arquitetura e Desenho
- Eletrônica e Eletricidade
- Técnicos e Profissionalizantes
- Computação e Processamento de Dados
- Vestibular, Escolas Técnicas e Militares
- Idiomas, Filosofia e Literatura
- Sociologia, Antropologia e Comunicação
- Matemática, Geometria e Estatística
- Agronomia, Geografia e Geociências
- Política, História e Biografias
- Química, Biologia e Física
- Ciências Médicas e Enfermagem

- Veterinária e Odontologia
- Psicologia e Desenvolvimento da Mente
- Casos Médicos — Literatura e Ensaios
- Ciência e Divulgação Científica
- Educação Sexual e Literatura Erótica
- Mística, Religião e Segunda Guerra Mundial
- Clássicos e Ficção Contemporânea
- Esporte, Educação Física e Métodos Orientais
- Curso Primário e Aprendizagem Infantil
- Terror e Ficção Científica
- Os melhores **best sellers** do momento

Se você estiver interessado, peça pelo Correio o nosso **CATÁLOGO 1979** com os títulos e os autores.

Faça hoje mesmo o seu pedido para:

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Departamento de Reembolso Postal
Rua Visconde de Figueiredo nº 81
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
20.550 — Tijuca — Rio de Janeiro

FORMATO GRANDE!

EM TODAS AS BANCAS

GISELLE

A ESPIÃ NUA QUE ABALOU PARIS

MEMÓRIAS SECRETAS, SEM CORTES,
COM AS ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS.